



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

**Prática de Ensino Supervisionada
A OBRA DE ARTE COMO RECURSO PEDAGÓGICO
Educação Visual (8º ano)**

Sofia Nobre Freire

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em
**Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**
(2º ciclo de estudos)

Orientador Científico: Profª Doutora Fátima Oliveira Caiado
Orientador Pedagógico: Dr. João Paulo Trigueiros

Covilhã, Junho de 2013

*"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."
(Jean Piaget)*

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus familiares, em particular ao meu marido pela paciência e ajuda na elaboração do relatório e aos meus filhos pela compreensão, carinho e incentivo.

Quero igualmente agradecer à Escola Secundária Quinta das Palmeiras por ter possibilitado a realização do meu estágio pedagógico.

À Professora Doutora Fátima Caiado, pelo apoio, pela dedicação e pelo aconselhamento, que grandemente contribuiu para o meu crescimento profissional e pessoal.

Quero ainda expressar a minha gratidão ao Dr. João Paulo Trigueiros pelo seu contributo e ajuda.

Aos colegas de mestrado pelo espírito de entreajuda gerado ao longo de todo este processo e ainda a todos os que contribuíram para tornar este projeto possível.

Aos amigos, por toda a amizade, carinho, paciência e incentivo, o meu sincero obrigado.

Agradeço, por fim, aos alunos da turma 8ºB, pela participação e colaboração.

Resumo

O presente Relatório de estágio intitulado - Prática de Ensino Supervisionada - A Obra de Arte como recurso Pedagógico - Educação Visual 8º ano - surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

O Relatório está dividido em dois capítulos. O primeiro dedica-se a refletir sobre a importância e contribuições da obra de arte, no ensino formal, sobretudo nas disciplinas específicas de artes visuais. Pretende-se, assim, contribuir para elucidar sobre qual a verdadeira função das imagens e obras de arte em sala de aula ou qual o modo mais adequado de usá-las. No fundo parte-se da importância da utilização da imagem como recurso pedagógico e do elencar e fundamentar as suas potencialidades para “cair” na obra de arte visual. Neste sentido, procura-se conhecer e saber o que é a imagem da obra de arte e como esta pode contribuir para a educação integral das crianças e jovens. Além disso, este relatório tem por finalidade refletir acerca da adoção de metodologias que privilegiam o contacto com as obras de arte e os contributos que estas possam ter no desenvolvimento da educação pela e para a arte e, ao mesmo tempo, fornecer aos educadores um conjunto de ferramentas facilitadoras e mobilizadoras desse conhecimento na planificação da sua prática pedagógica.

O segundo capítulo reflete o percurso na prática de ensino supervisionada realizada no 3º Ciclo do Ensino Básico, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na cidade da Covilhã, centrando-se no relato de experiências pedagógicas propostas com recurso à Obra de Arte e demonstrando, através dos trabalhos dos alunos, os resultados que se podem obter ao recorrer a algumas metodologias mencionadas no capítulo I.

Paralelamente dá-se a conhecer todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo, sublinhando os conhecimentos adquiridos, competências e reflexões proporcionados ao longo de todo este processo.

Palavras-chave

Educação pela Arte, Obra de Arte, Imagem, Prática de Ensino Supervisionada

Abstract

This internship report titled - Supervised Teaching Practice - A Work of Art as a Pedagogical Resource - Visual Education 8th year - comes as part of the Master in Teaching Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education. The report is divided into two chapters. The first is dedicated to reflect on the importance and contributions of the artwork, in formal education, especially in specific disciplines of visual arts. It is intended, therefore, contribute to elucidate what the true function of the images and works of art in the classroom or what the most appropriate way to use them. In the background is the importance of using the image as a pedagogical resource and listing and substantiate their potential to "fall" in the work of visual art. In this sense, we seek to know and what is the image of the artwork and how it can contribute to the integral education of children and youth. In addition, this report aims to reflect on the adoption of methodologies that emphasize contact with works of art and the contributions they may have in the development of education and art and at the same time, provide educators a set tools facilitating and mobilizing this knowledge in planning their teaching. The second chapter reflects the way in supervised teaching practice held on the 3rd Cycle of Basic Education, Secondary School Quinta das Palmeiras, in the city of Covilhã, focusing on reporting pedagogical experiences proposals using the Work of Art and demonstrating through of student work, the results that can be obtained by resorting to some methodologies mentioned in Chapter I. Parallel gives themselves known all the work over the school year, underlining the acquired knowledge, skills and reflections provided throughout this process.

Keywords

Education through Art, Work of Art, Image, Supervised Teaching Practice

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	ix
Abstract	xi
Índice	xiii
Lista de Figuras	xv
Lista de Tabelas	xvii
Lista de Acrónimos	xix
Introdução	1
Capítulo I - Obra de Arte como Recurso Pedagógico	
I.1. Pertinência do Tema	3
I.2. Imagem na Educação	5
I.2.1. O que pode influenciar a leitura da Obra de Arte através da imagem	7
I.3. Poder da imagem na aula e nos manuais	9
I.4. Funções da imagem em sala de aula	11
I.4.1. Contributos de utilização de imagem	13
I.4.2. Estratégias de ensino através da imagem	13
I.4.3. Vantagens na utilização da imagem	15
I.5. A Arte no Ensino	17
I.6. Obra de Arte	21
I.6.1. O Diálogo com a Obra de Arte	23
I.7. A obra de Arte como recurso pedagógico	25
I.7.1. Metodologias e programas que privilegiam o contacto com a Obra de Arte	27
I.7.1.1. Olhar - programa Integrado de Artes Visuais	27
I.7.1.2. Método comparativo de análise de obras de Arte	29
I.7.1.3. Visual Thinkink Strategies (VTS)	29
I.7.1.4. Learning To Think by looking at Art	31
I.7.1.5. Learning Through Art	31
I.7.1.6. Discipline-Based Art Education (DBAE)	33
I.7.1.7. Proposta Triangular (Ana Mae Barbosa)	33
I.8. Considerações Finais	37
Capítulo II Relatório da Prática de Ensino Supervisionada	
II.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	39
II.2. Caracterização do Contexto Escolar - A Escola Secundária Quinta das Palmeiras	41
II.2.1. Grupo Disciplinar	47

II.2.2. Orientador Cooperante	47
II.2.3. Professora Estagiária Sofia Freire	47
II.2.4. Núcleo de Estágio	49
II.2.5. Turma 8ºB	49
II.3. Enquadramento da Disciplina Lecionada	51
II.3.1. O Currículo Nacional e as Metas de Aprendizagem do ensino Básico	51
II.3.2. Matriz do ensino Básico	53
II.3.3. O Programa da Disciplina de Educação Visual	57
II.3.4. A Planificação Semestral da Disciplina de Educação Visual	59
II.4. Ação Didática e Pedagógica	63
II.4.1. Descrição da UT- A Comunicação Visual	63
II.4.1.1. Construção da capa	65
II.4.1.2. Realização de um símbolo de identidade	65
II.4.1.3. Realização de uma mascote	71
II.4.2. Descrição das Aulas. UT2 - Linguagem Visual. A Forma	75
II.4.2.1. Realização dos Trabalhos: A Forma	77
II.4.3. Descrição das Aulas. UT3 - Organização Formal	79
II.4.3.1. Realização do Projeto “Sheep Parade”	83
II.4.4. Avaliação da disciplina de Educação Visual	89
II.5. Atividades Curriculares e Extracurriculares	91
II.5.1. Reuniões	91
II.5.2. Observação de aulas	93
II.5.3. Atividades do Grupo de Artes / Núcleo de Estágio	93
II.5.3.1. Visita de Estudo a Gouveia	95
II.5.3.2. Street Art	97
II.5.3.3. Exposição de Trabalhos	103
II.5.3.4. Exposição de Trabalhos da “Bolota”	103
II.5.3.5. Concurso “Imagine a Paz”	105
II.5.3.6. Concurso “Presépios de Natal”	107
II.5.3.7. V Festa da Primavera	107
II.5.3.8. Participação da “Sheep Parade” em diferentes ocasiões	109
II.6. Conclusões	111
Bibliografia e Webgrafia	115
Legislação	117
Índice de Anexos	119
Índice de Apêndices	121

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem da “Mona Lisa” de Leonardo Da Vince	5
Figura 2 - Pormenor de “Mona Lisa”	5
Figura 3 - Capa do livro “ Código Da Vince”	5
Figura 4 - O Arco do Triunfo, Paris	7
Figura 5 - Vista panorâmica do Arco de Triunfo em Paris	7
Figura 6 - Desenho “Mafalda”	11
Figura 7 - Trabalho da disciplina de Inglês	11
Figura 8 - “Composição VIII”, Kandinsky	13
Figura 9 - “Retrato de Fernando Pessoa”, Almada Negreiros	13
Figura 10 - “Meu Anjo da Guarda”, Andrew R.	15
Figura 11 - “As coscuvilheiras”, Sebastião Pimenta	15
Figura 12 - “Bisonte Ferido” (pintura rupestre), Altamira, Espanha	17
Figura 13 - Desenho de Bruna Howe	19
Figura 14 - Desenho de Masha Averina	19
Figura 15 - Escultor Joseolgon Enrique Peinador Lines, Mandariz, Espanha	23
Figura 16 - Léon, Espanha, Gaudi	23
Figura 17 - Exposição Itenerante do escultor Jens Galschiot	25
Figura 18 - Cidade da Covilhã	41
Figura 19 - Escola Secundária Quinta das Palmeiras	41
Figura 20 - Escola Secundária Quinta das Palmeiras	41
Figura 21 - Exterior do Centro Tecnológico	43
Figura 22 - Exterior do Centro Tecnológico	43
Figura 23 - Medalha atribuída à ESQP	43
Figura 24 - Sala de EV	45
Figura 25 - Sala de EV	45
Figura 26 - Alunos em contexto sala de aula	65
Figura 27 - Slides projetados	67
Figura 28 - Exemplos de Ex Libris	69
Figura 29 - Trabalhos de alunos	69
Figura 30 - Esquema do Processo Resolução de Problemas	71
Figura 31 - Exemplos de trabalhos dos alunos	73
Figura 32 - Esquema Linguagem Visual	75
Figura 33 - Exemplos de Obras de Arte de Escher	75
Figura 34 - Trabalhos dos alunos Forma/Estrutura e Simetria/Assimetria	77
Figura 35 - Trabalhos dos alunos Figura/Fundo	79
Figura 36 - Pintura do artista Nilo Zack	79
Figura 37 - Exemplos mostrados aos alunos	81
Figura 38 - Projeto “Sheep Parade”	83

Figura 39 - Exemplos de Obras de Arte de Kandinsky, José de Guimarães e Matisse	83
Figura 40 - Alunos e professora Estagiária em ambiente sala de aula	85
Figura 41 - Trabalhos no Exterior	87
Figura 42 - Parque Natural de Gouveia	95
Figura 43 - Pintura de Nilo Zack	97
Figura 44 - Pintura de Nilo Zack	99
Figura 45 - Momentos do Workshop	101
Figura 46 - Pintura de Nilo Zack	101
Figura 47 - Exposição no Serra Shopping	103
Figura 48 - Exposição da “Bolota”, Serra Shopping	105
Figura 49 - A Aluna Amanda Canário do 8ºB	105
Figura 50 - Exposição dos Presépios do ATL, no Serra Shopping	107
Figura 51 - “Sheep Parade” nos Jardins da Quinta do Refúgio	109
Figura 52 - “Sheep Parade” no anfiteatro da Ponte <i>Mártir-in-Colo</i>	109

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição interna da Escola	45
Tabela 2 - Matriz Curricular do 3ºCiclo	55
Tabela 3 - Planificação 1ºPeríodo	60
Tabela 4 - Planificação 2ºPeríodo	61
Tabela 5 - Parâmetros de avaliação da ESQP	89

Lista de Acrónimos

ATL	Atividades de Tempos Livres
CNEB	Currículo Nacional Ensino Básico
DBAE	Discipline-Based Art Education
DEB	Departamento Educação Básica
ESQP	Escola Secundária Quinta das Palmeiras
EV	Educação Visual
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PCT	Plano Curricular de Turma
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UBI	Universidade da Beira Interior
UT	Unidade de trabalho
VTS	Visual Thinking Strategies

Introdução

O presente relatório, surge como resultado de um longo trabalho desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, realizada no ano letivo 2012/2013 na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na disciplina do 3º ciclo do Ensino Básico - Educação Visual, no 8º ano (turma B), sob a orientação pedagógica do orientador cooperante Dr. João Paulo Trigueiros e orientação científica da Profª Doutora Fátima Caiado, para obtenção do grau de Mestre em Ensino em Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Quanto à sua estrutura salientam-se dois capítulos: o primeiro centra-se numa pesquisa bibliográfica sobre a “Obra de Arte como recurso Pedagógico”, onde constam sete pontos estruturantes da mesma: uma breve exposição sobre a Pertinência da Pesquisa; seguida da análise dos conceitos de Imagem na educação; o Poder da Imagem; Funções da Imagem; A Arte no ensino; A Obra de Arte; A Obra de Arte como recurso Pedagógico; Programas e metodologias que privilegiam o contacto com a obra de Arte e finalmente, uma Reflexão e considerações finais do capítulo.

O segundo capítulo designado “Relatório da Prática de Ensino Supervisionada” é constituído por seis pontos fundamentais, começando pela caracterização: do contexto escolar onde constam uma breve caracterização da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, o Grupo Disciplinar de Artes Visuais, o Professor Cooperante; a professora Estagiária Sofia Freire; os restantes membros do Núcleo de Estágio; e a Turma com que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada (PES). Seguidamente, é feito o Enquadramento da Disciplina lecionada, através de uma breve análise sobre o Currículo Nacional do Ensino Básico, a organização Curricular da Disciplina de Educação Visual, e respetiva planificação trimestral da disciplina de Educação Visual. O ponto seguinte é dedicado à Ação Didática e Pedagógica onde se descreve e reflete sobre as aulas realizadas e sobre a avaliação dos alunos. Segue-se um ponto sobre as Atividades Complementares e Extra Curriculares, da qual fazem parte: Visita de Estudo a Gouveia; Exposição "Forma/fundo"; intervenção Street Art do artista Nilo Zack na escola e Atividades de Tempos Livres (o Concurso do Presépios de Natal). Uma sumária reflexão sobre a Articulação e Colaboração na Comunidade Escolar. Por último, uma Análise Crítica do Estágio e as considerações finais, onde é feito um balanço global sobre o trabalho realizado ao longo de todo o Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Capítulo I:

Obra de arte como Recurso Pedagógico

I.1. Pertinência do Tema

Este capítulo tem como principal objetivo refletir sobre a importância da imagem da obra de arte no contexto escolar. De um modo mais específico, pretende-se abordar a importância da utilização da imagem como recurso pedagógico.

A obra de arte no contexto escolar poderá ser utilizada para incutir, desenvolver e estimular o sentido estético, a criatividade, a imaginação e o espírito crítico nas crianças e nos jovens. O contacto com a obra de arte faz com que se estabeleça uma relação entre a obra e o aluno, existindo um diálogo, uma comunicação, provocando emoções, sentimentos, a arte articula a imaginação, a razão e a emoção assumindo-se como um fator transversal na vida do sujeito, independentemente da sociedade em que está inserido.

Acreditando no valor pedagógico da imagem enquanto forma de comunicação e se esta for a imagem de uma obra de arte, é por intermédio desta que grande parte dos alunos desenvolve o seu primeiro contacto com a arte.

Este trabalho pretende, assim, fazer uma abordagem sobre a importância da obra de arte e da imagem como recurso pedagógico.

I.2. Imagem na Educação

"Uma imagem vale mais que mil palavras" - *Provérbio Chinês*

Imagem (latim *imago*, *-inis*, representação, forma, imitação, aparência).

O dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora (2009) caracteriza a imagem, como sendo a representação (gráfica, plástica, fotográfica) de algo ou de alguém. Representação de uma figura ou cena religiosa; cópia ou reprodução; figura de estilo pelo qual se substitui uma descrição exata por uma simbólica.

A observação da imagem de obras de arte possibilita um maior conhecimento do mundo.

Uma vez que não é possível o contacto direto com todas as obras de Arte, proporcioná-lo é contribuir para a literacia visual e cultural dos alunos.

Observar uma obra de arte é diferente do que observar a imagem dessa obra de arte. A imagem é sem dúvida um veículo comunicativo, mas não consegue transportar em si, tudo o que envolve a obra. Por exemplo, no caso da pintura o tamanho, a escala, é sem dúvida alterado, em relação à escultura, a noção do volume, o material e sua textura, a tridimensionalidade, o próprio espaço, o ponto de vista (físico e psicológico) do observador.



Imagem 1- Mona Lisa de Leonardo Da Vinci,
Museu do Louvre, Paris
(leoferrari08livro.blogspot.com)



Imagem 2- "Pormenor de Mona lisa"
Leonardo Da Vinci
(sonhar1000.blogspot.com)



Imagem 3- Capa do Livro,
"O Código Da Vinci"
(reflexaoartistica.blogspot.com)

I.2.1. O que pode influenciar a leitura da obra através da imagem:

Um deles é a verdadeira escala da obra; a reprodução de imagens criou ideias falsas dessas obras de arte; outro é o contexto em que está inserida, outra é a cor que, por mais avançado que seja o sistema de reprodução, nunca a consegue reproduzir fielmente.



Imagem 4- O Arco do Triunfo, Paris
(portalsaofrancisco.com.br)



Imagem 5- Vista panorâmica do Arco de Triunfo, Paris
(portalsaofrancisco.com.br)

Ribeiro, no seu estudo, caracteriza a imagem da seguinte forma:

1. A imagem é uma reprodução da realidade ausente que, por seu intermédio, se faz presente; a imagem tanto é presença vivida como ausência de real;
2. A imagem tanto é sonho como realidade; nela, a objetividade e a subjetividade misturam-se;
3. A imagem carrega uma carga racional e outra afetiva. Informa-nos e desperta-nos sentimentos e emoções;
4. Na imagem há algo visível e algo oculto. Possui capas ocultas de significação que é necessário explorar e, quem sabe, outras que ninguém virá a saber;
5. A imagem é um fenómeno individual e social. O autor cria a imagem num determinado contexto social e de cuja cultura passa a fazer parte;
6. A imagem é concreta ou abstrata. O suporte que a materializa dá-lhe corpo e a capacidade inovadora dá-lhe abstração criadora;
7. A imagem é passado, presente ou futuro. É um presente de um passado que será futuro graças à sua permanência técnica;
8. A imagem tanto é objetiva como subjetiva. O seu autor vê-se na obrigação de controlar múltiplas variáveis técnicas que conferem ao produto icónico uma objetividade relativa. Por outro lado, o recetor visual interpreta essa objetividade partindo das suas próprias expectativas visuais, recordações e atitudes face ao tema, fazendo da subjetividade o seu principal argumento.

O estudo da Imagem é importante porque contribui para a alfabetização visual, quer seja em termos semiótico (que significado tem a imagem), quer em termos psicológico (o que as

imagens provocam a nível cognitivo e afetivo) ou sociológico (o que acontece a nível social com a presença da imagem).

“A ideia de que a compreensão das imagens é imediata é uma ilusão” Calado (1994, p.21) defende a ideia de que é urgente aprender o alfabeto e a gramática visuais, pois hoje os nossos alunos estão rodeados de símbolos, de ícones, de imagens.

1.3. Poder da imagem na aula e nos manuais

Terá algum poder sobre nós uma imagem?

Segundo, Calado (1994,p.12) *“Uma imagem, seja ela de que natureza for, venha ela de onde vier, continua a ser tomada como uma prova ou, se quisermos, como uma evidência”*, a imagem tem o poder de convencer e de comover. A imagem figurativa é expressiva, apelativa, prende o olhar, desperta a atenção, comove e seduz.

A necessidade de prender os olhares leva a utilizar cada vez mais o poder do valor de percepção da imagem, em detrimento do valor da comunicação. Por isto, é importante saber escolher as imagens, saber utilizá-las de forma adequada no contexto educativo.

Numa época em que a educação se direciona para o desenvolvimento de competências, a adoção de metodologias didáticas apoiadas por processos de interação através da imagem *“contribuem para o desenvolvimento de faculdades que lhe permitem enfrentar com cada vez maior segurança e autonomia a verdadeira overdose informativa que lhe é oferecida pelo contexto sociocultural em que vive”* (Calado, 1994:72).

A utilização das imagens, a usar na sala de aula, segundo Calado (1994:67), terá de ter em conta as variáveis de sentido (aquelas que conferem sentido a uns elementos em detrimento de outros), que são:

- ao nível sintático, respeitantes à cor, ao tamanho, à complexidade, ao contraste, etc.;
- ao nível semântico, respeitante ao valor informativo dos elementos presentes;
- ao nível pragmático, referentes às condicionantes culturais e ontogenéticas (nível de desenvolvimento, experiência, interesses, competências, ambiente socio cultural, expectativas, etc.).

As ilustrações que se utilizam nos manuais escolares devem ser de qualidade, privilegiando a qualidade da mensagem, favorecendo e facilitando o processo de comunicação, assim como a transmissão de conhecimentos.

A qualidade da informação transmitida é também um objetivo a ser conseguido e é mais facilmente atingida se optarmos por desenhos ilustrados a cor, pois conseguimos dominar mais facilmente a motivação pedagógica a alcançar, assim como alcançamos os objetivos precisos de informação. Finalmente, uma boa ilustração deve ser clara e precisa, não dando lugar a imprecisões e dúvidas na sua leitura pelo que deve depender diretamente do texto com que se relaciona.

De uma forma geral, todos os professores de Artes Visuais recorrem à imagem como recurso pedagógico para, fundamentalmente, motivar os alunos para a área artística, para reforçar conteúdos e para exemplificar técnicas de representação servindo de caminho para a literacia e a integração das expressões plásticas.

A utilização da imagem na sala de aula deveria ser mais frequente, uma vez que os alunos de uma forma geral, gostam de ver imagens de obras de arte e consideram que aprendem mais e melhor com as imagens.

Calado afirma “*A imagem deve ainda associar-se a educação estética*” (1994.p.123), isto é, a imagem tem poderes e se a esta se juntar uma educação sobre os valores artísticos, o aluno desenvolve, enriquece, aprofunda o sentido estético, o sentido crítico e a sua própria autonomia.

A disciplina de Educação Visual relaciona-se profundamente com a arte enquanto manifestação cultural do homem.

O texto introdutório das competências específicas, identificava assim a sua importância (ME-DEB, 2001):

- *“A arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura”*
- *“A arte não está separada da vida comunitária, faz parte integrante dela”.*

A aprendizagem dos códigos visuais e a fruição do património artístico e cultural constituem-se como vertentes para o entendimento de valores culturais promovendo uma relação dialógica entre dois mundos: o do Sujeito e o da Arte.

I.4. Funções da Imagem em sala de aula

As imagens possuem um enorme potencial graças à sua linguagem, que pode ser entendida em qualquer parte do mundo (universalidade). Por ter vários sentidos, a imagem pode ter várias funções de acordo com as diversas interpretações:

- Função informativa (ou referencial): a imagem fornece informações concretas sobre acontecimentos e elementos da realidade. É testemunha de uma realidade, como acontece com as fotografias, servem essencialmente para tornar mais concretos os conteúdos da informação verbal. Há quem prefira falar de função representativa, uma vez que a imagem imita uma realidade, tentando mostrá-la o mais objetivamente possível, como na arte figurativa, embora implique sempre um ponto-de-vista.

- Função explicativa: a imagem tem por objetivo explicar a realidade, isto é, as ilustrações ajudam a explicar os textos e os diagramas ajudam a explicar graficamente um processo ou uma relação.

Pode ser designada por função descritiva na medida em que a imagem contribui para apresentar em detalhe a realidade (pessoa, paisagem...). Enquanto as funções informativa e representativa são sintéticas, as funções descritiva e explicativa são analíticas.

- Função argumentativa: a imagem procura influenciar comportamentos, persuadir, convencer, tornando-se um importante instrumento na publicidade e na propaganda.

- Função crítica: a imagem não apenas informa, mas procura desvendar e denunciar situações. Tanto pode ser apenas reveladora de uma realidade ou processo, apontando caminhos, como acusadora para alertar consciências. As caricaturas e desenhos humorísticos privilegiam esta função crítica.

- Função estética: a imagem visa a satisfação e o prazer do belo, valorizando as repetições, alternâncias ou contrastes dos elementos que a configuram como as linhas, as formas, a cor, a luz...



Imagem 6 - “Mafalda”
(suiteideias.blogspot.com)

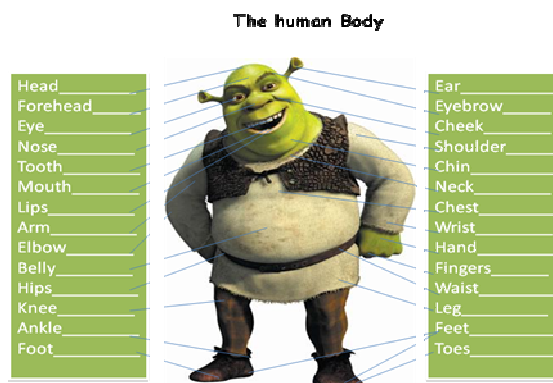


Imagem 7- Trabalho realizado por
Rodrigo Freire Cardoso, N°21, 5º2
Disciplina de Inglês

- Função simbólica: a imagem orienta-se para significados sobrepostos à própria realidade, como acontece com as bandeiras, imagens convencionais como o coração com uma flecha.

De outras diversas funções, que normalmente se combinam entre si, podemos ainda destacar:

- Função narrativa: a imagem conta ou sugere histórias, cenas, ações (como sucede em frescos, bandas desenhadas, filmes...).
- Função expressiva: a imagem revela sentimentos, emoções e valores do próprio autor ou daquilo que representa (expressões faciais, posturas do corpo, perspectivas de enquadramento, jogos de luz, relação com o cenário...).
- Função lúdica: a imagem orienta-se para o jogo, o entretenimento, incluindo o humor, a caricatura...
- Função metalinguística: a imagem interessa-se pelo próprio código visual e manipula-o, como sucede com a utilização de modelos para representar algo ou com os autorretratos em que o artista se representa, pintando.
- Função memorizadora: a imagem facilita o trabalho de retenção de conteúdos, ajuda a fixar determinados conceitos.
- Função poética: a imagem faz um apelo às emoções.

I.4.1. Contributos de utilização de imagem

- Motivar, interessar, envolver para a área artística;
- Tornar compreensível o complexo/ abstrato;
- Ajudar a criatividade do aluno;
- Reelaborar/ recodificar;
- Documentar; Informar
- Levar o aluno a memorizar;
- Estimular os sentidos;
- Ilustrar a temática a desenvolver;
- Desenvolver o sentido estético e crítico;
- Despertar interesses;
- Permite uma melhor compreensão dos objetivos;
- Formar o aluno ao nível visual;
- Conhecer e alertar para a arte;
- Servir de fonte de inspiração;
- Desenvolver o gosto pela arte;
- Desenvolver formas de comunicação individual;



Imagem 8 - "Composição VIII", óleo sobre tela de Wassily Kandinsky, 1923 (infopedia.pt)

I.4.2. Estratégias de ensino através da imagem

- Apresentação de novos assuntos;
- Expositivo- Interrogativo;
- Síntese de assuntos já lecionados;
- Expositivo- Informativo;
- Aplicações práticas;
- Trabalho de grupo;
- Revisão de conteúdos;
- Consolidação de conhecimentos;
- Avaliação de conhecimentos;

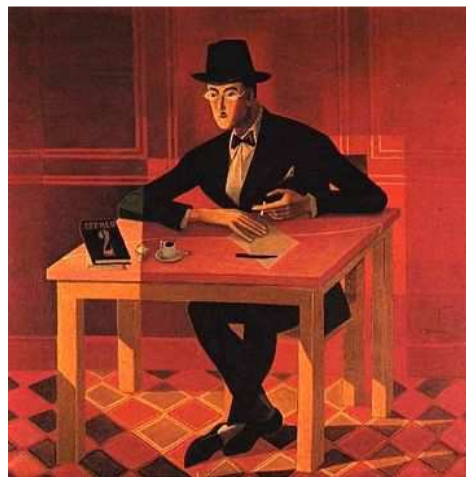


Imagem 9 - Almada Negreiros: Retrato do Poeta Fernando Pessoa, 1954.
(dofuturo.blogspot.com)

I.4.3. Vantagens na utilização da imagem:

- Alunos compreendem melhor;
- Alunos participam mais;
- Alunos mais passivos empenham-se mais na aula;
- Diálogo com os alunos é mais fácil;
- Ocorrem situações imprevistas e enriquecedoras;
- A atividade tem mais interesse;
- Ajuda a memorizar;
- Capta a atenção;



Imagem 10 - Andrew R. 9 anos
“O meu anjo da guarda”
(www.theartgallery.com.au)

Tal como Calado afirma “As imagens que possuem um valor estético e as que estimulam o sentido crítico (ambas com forte potencial conotativo) permitem gerar, em situações de ensino-aprendizagem, mensagens ricas e diversificadas” (1994,p.110). Sendo assim, o processo ensino-aprendizagem só tem a ganhar com a utilização de imagens que favoreçam o desenvolvimento de sentidos e valores nos nossos alunos.

O professor pode usar a imagem como um recurso pedagógico para complementar informações, para clarificar ideias e conceitos abstratos.

Ao usarem a imagem devem ter em conta as questões de perceção, (o que os alunos vão captar); de comunicação e de aprendizagem.



Imagem 11 - “ As coscuvilheiras”
Sebastião Pimenta (covadabeira.eu)

Pode-se ser criativo em Língua Portuguesa, em Matemática, em Ciências, em Filosofia, em todas as áreas, pois cabe ao professor estimular o aluno nesse sentido, proporcionando situações de aprendizagem que o estimulem a desenvolver essas capacidades escondidas, seja através de imagens, debates, projetos, leitura de determinados temas, ou através de pesquisas na internet, em bibliotecas, etc.

I.5. A Arte no ensino

"Sem a arte o homem é um pássaro que voa com uma só asa" (Read)

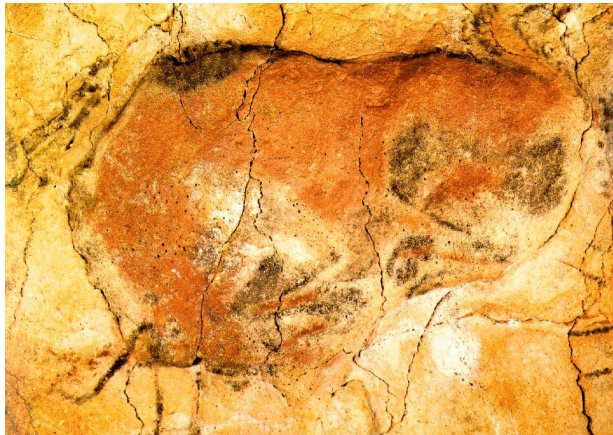


Imagem 12 - Bisonte Ferido (pintura rupestre).
a.C. 15 000 - 10 000 a.C. Altamira, Espanha
(umolharsobreomundodasartes.blogspot.com)

A arte sempre esteve presente em todas as formações culturais, desde o início da história da humanidade. Ao desenhar numa caverna, na Pré-história, o homem teve que aprender e desenvolver a técnica. Depois, ensinou o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte do conhecimento que envolve a produção artística de todos os tempos.

Herbert Read (1943), na sua "tese", defende que a arte deve ser a base da educação e define como objetivo geral da educação *"o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence"* (Read, 1943, p.21)

O ensino da arte é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois arte é conhecimento e envolve o pensamento, o sentimento estético e a formação intelectual do aluno.

Para Lowenfeld, a arte desempenha um papel vital na educação das crianças. A criança quando desenha, pinta ou constrói algo, reúne diversos elementos da sua experiência e cria uma nova forma, um todo.

Read, defende que a escola deve mostrar aos alunos trabalhos de artistas do presente e do passado, bem como as produções de desenhos, pinturas, esculturas, das próprias crianças, revelando a individualidade de cada escola e de cada criança.

O ensino de artes, na educação básica, é necessário para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, criativa e crítica do aluno, bem como para despertar nele saberes sensíveis para com a sociedade em que vive.

Nesse sentido, Best (1996, p. 7), diz que *"a poderosa possibilidade de aprendizagem a partir da arte é clara, ainda que de forma implícita"*. Desta forma, é necessário levar-se em consideração os inúmeros benefícios que as artes trazem ao aluno, e não apenas a produção de Artes especificamente.

O processo de ensino e aprendizagem da arte não ocorre apenas na educação formal. Para Best (1996, p. 52), *"A educação não está, de modo nenhum, limitada ao que acontece nas*

escolas, colégios e universidades. Há muito que aprender com as artes, ao longo de uma vida. A arte está presente em diversos ambientes, em alguns momentos de forma explícita, em outras subjetivamente”.

O desenho, por exemplo, durante muito tempo servia apenas para “embelezar ou ilustrar os trabalhos de português, ciências, geografia”. Cabe ao professor mudar esse pensamento, mostrando o verdadeiro sentido do estudo da arte na escola.

A escola é o local ideal para o aluno compreender a arte como a forma de expressão do seu mundo: a arte infantil é o reflexo das vivências infantis, já a arte do adulto é reivindicação da sua forma de ver o mundo.

O professor tem a missão de fazer chegar ao aluno mecanismos que lhe permitam compreender a arte como elemento presente da sua vida, ou seja, a arte é a união das vivências com criatividade, pois Best (1996,p.48) afirma *“As artes são emocionalmente criativas.”*

“O professor de arte deve planificar as experiências que desenvolvam a capacidade do pensamento criador. Não é suficiente que os alunos produzam, mesmo que estas produções se possam chamar arte. É importante desenvolver a faculdade de pensar de forma criadora, de aprender a criar”. (Lowenfeld,1947)

Para Read (1943), a arte é uma dessas coisas que, como o ar ou o solo, está à nossa volta, mas que raramente nos detemos para a apreciar. A arte não é apenas o que encontramos nos museus e nas galerias de arte, ou em antigas cidades como Roma e Florença. A arte está presente em tudo que o fazemos para satisfazer nossos sentidos.

A arte na escola tem como função proporcionar aos alunos a possibilidade de se transformarem em fazedores de cultura - indo de encontro a um ensino voltado para uma perspectiva racionalista - onde o “imaginar”, o “criar”, o “sentir”, aspetos mais ligados à subjetividade humana, possam ser sobrevalorizados como fatores importantes para a formação de um ser humano crítico, sensível e consciente das suas potencialidades.

No meio escolar, se o aluno estiver inserido num ambiente adequado às suas necessidades e que o estimule positivamente, terá grandes possibilidades de se tornar um indivíduo criativo.

O papel do professor é fundamental neste processo, pois é ele que orienta todos os trabalhos realizados pelos alunos, tem de conhecer o aluno, e ter consciência das características de cada aluno, com quem trabalha, para que o possa estimular adequadamente, ajudando assim no processo de formação de indivíduos criativos.

Por fim, o professor contribui para a formação integral do aluno estimulando a sensibilidade, a criatividade e a curiosidade, provocando no aluno as transformações necessárias. Potencialidades criativas existem em todo o ser humano, porém, para desenvolver estas potencialidades não é suficiente dizer aos alunos que têm de dominar os conhecimentos, ser criativos e não desistir à primeira dificuldade; é preciso dizer como fazê-lo, motivando, estimulando e incentivando a capacidade de procurar respostas e ultrapassar dificuldades.

Em suma, e citando David Best (1996), “ *Há implicações educativas cruciais pois são as artes que aprofundam, alargam e sensibilizam a nossa compreensão e sensibilidade sobre uma variedade imensa de problemas da vida em geral.*”



Imagem13 - Desenho de Bruna Howe, 5 anos (www.theartgallery.com.au)



Imagem 14 - Desenho de Masha Averina, 9 anos “Paradise Birds” (www.theartgallery.com.au)

I.6. Obra de arte

“ A arte baseia-se na vida, porém não como matéria mas como forma. Sendo a arte um produto direto do pensamento, é do pensamento que se serve como matéria; a forma vai buscá-la à vida. A obra de arte é um pensamento tornado vida: um desejo realizado de si-mesmo. Como realizado tem que usar a forma da vida, que é essencialmente a realização; como realizado em si-mesmo tem que tirar de si a matéria em que realiza”.

Fernando Pessoa, in 'Ricardo Reis - Prosa'

Primeiramente, antes de considerarmos a obra de arte como um recurso pedagógico, é fundamental definirmos o que é uma obra de arte, qual a sua função e como se apresenta.

A obra de arte pode ser definida como uma criação humana com objetivo simbólico, belo ou de representação de um conceito determinado. Como exemplos de obras de arte, podemos citar as seguintes: esculturas, pinturas, poemas, arquitetura, filme, música, artefacto decorativo, etc.

Segundo Susanne Langer (citado por Ana Quadrado, 2011) descreve a obra de arte como *“uma forma expressiva criada para nossa percepção através dos sentidos ou imaginação, e o que expressa é o sentimento humano”*. A mesma autora afirma que *“a qualidade essencial que define uma obra de arte é “o ritmo, a sucessão rítmica, é aquela na qual um determinado acontecimento que culmina é o início de outro”*.

Por sua vez, Herbert Read, em "A educação pela arte", define *“ A arte é a representação, a ciência a explicação - da mesma realidade.”*

Para Fernando Pessoa *“O valor de uma obra de arte é tanto maior quanto é puramente artístico o meio de manifestar a ideia.”*

Fernando Pessoa afirma que: *“ a função do artista, verdadeiramente, é dar prazer às pessoas, aprofundando o campo da atenção e fornecendo-lhe estímulos para novas memórias e novas imaginações. Além disso, a arte também tem uma função especificamente intelectual, que é enriquecer a inteligência das pessoas.” (Filosofia e Pensamento da Arte, julho de 2007).*

A arte, pode dizer-se, que é um meio de comunicação, que transmite emoções, sentimentos e sentidos do ser humano, capacitando-o para uma visão integral e abrangente de si mesmo e do mundo que o rodeia.

Maria do Vale (citado por Ana Quadrado, 2011) refere que a arte não está separada da vida comunitária, antes pelo contrário, faz parte integrante dela.

Significado de Arte: (latim *ars, artis*, maneira de ser ou agir, conduta, habilidade, ciência, talento, ofício)

A mesma autora, citado por Quadrado, afirma que *“a Arte, como forma de apreender o Mundo, permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade estética, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como a expressão de cada cultura”*.

Quadrado, afirma que *“a Arte, como forma de apreender o Mundo, permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade estética, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como a expressão de cada cultura”*.

A obra de arte transmite saberes, sentimentos, emoções, comunica e estabelece um diálogo que é fundamental para o desenvolvimento dos jovens. O contacto com a obra de arte faz desenvolver e estimular o sentido estético, a criatividade, a imaginação e o espírito crítico de quem se aproxima dela. Podemos, assim, concluir, com Maria Vale (2005) que *“a educação e a arte/expressão plástica estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento dos sentidos como meio de “receber” o nosso mundo e o processo que utilizamos para exprimir, exteriorizar, compreender, organizar, exprimir, comunicar e resolver os seus problemas.”*

I.6.1. O Diálogo com a Obra de Arte

“O diálogo com a obra de arte constitui um meio privilegiado para abordar com os alunos os diferentes modos de expressão, situando-os num universo alargado, que permite inter-relacionar as referências visuais e técnicas com o contexto social, cultural e histórico, incidindo nas formas da arte contemporânea” (DEB, 2001: 162).

A este propósito, Ricardo Silva (2007) afirma que dialogar é, para além de conversar, também uma interação entre duas ou mais partes, ou seja, é um ato essencialmente social onde se fazem trocas de informação. Acreditar que se pode dialogar com uma obra de arte é personificá-la, tornando a obra de arte intelectualmente mais acessível ao seu observador.

Nesta ordem de ideias, Quadrado (2011) constata que o diálogo com a obra de arte, referido no currículo, é um ótimo meio para abordar, com os alunos, os diferentes meios de expressão, *“situando-os num universo alargado”,* permitindo-lhes uma *“educação dos sentidos e da sensibilidade, e a possibilidade de fazer experiência estética”*. (Raposo, 2004).

Ricardo Reis (2007) cita Abigail Housen *“(…) estar em contacto com a arte ao longo da vida é a chave para o desenvolvimento; sem um contacto permanente com a arte o desenvolvimento estético dos indivíduos não acontece.”*



Figura 15 - Escultor Joseolgon
Enrique Peinador Lines, em Mondariz
no Balneário da Galiza em Espanha.



Figura 16- León (Espanha)

Bem no centro da cidade de León, mesmo em frente de um edifício por si projetado, encontra-se um monumento homenageando um génio da arquitetura da transição do século XIX para o XX que foi Antoni Gaudí.

Enfim... um pretexto para uma troca de impressões...

I.7. Obra de arte como Recurso Pedagógico

Sendo a escola o primeiro espaço “de aprendizagem” onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por aí se dê o contacto com o mundo artístico e suas linguagens: artes visuais, teatro, dança, música e literatura.

A escola é um ótimo espaço para mostrar aos adolescentes que a arte não está isolada do seu quotidiano, da sua história pessoal. Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada dos padrões sociais.



Imagem 17 - Exposição itinerante do famoso escultor dinamarquês Jens Galschiot.

É importante saber aproveitar, utilizar e analisar o poder da imagem/visual que a obra de arte nos dá e pô-la o serviço do ensino, possibilitando ao aluno uma aprendizagem mais rica e mais vasta, a fim de conhecer e interpretar a sociedade e a cultura do seu passado/presente, ou seja, conhecer e compreender a arte e a cultura de outros povos e nações. A arte é um meio de transmissão de conhecimento e é assim, um ótimo recurso pedagógico que pode, e deve, ser explorado por todos aqueles que trabalham com crianças ou jovens.

Pretendemos, assim, dar a conhecer qual a verdadeira função das imagens na sala de aula ou o modo mais adequado de usá-las. Ao observarmos uma imagem, seja qual for a imagem, esta dá-nos a possibilidade de diferentes interpretações, provoca-nos emoções e sensações. Pretendemos também, dar a conhecer métodos de como trabalhar e/ou abordar uma obra de arte em contexto pedagógico. Deste modo, pesquisámos programas e currículos existentes e implementados (alguns deles), que privilegiassem o contacto com a obra de arte. Estes programas utilizam várias estratégias pedagógicas.

Desta forma, no ponto seguinte apresentar-se-ão um conjunto de programas e metodologias educativas que podem oferecer ao professor, de artes visuais e não só, um suporte e fundamentação para a sua prática pedagógica. Partindo da “Obra de Arte” serão apresentadas as principais características de cada um dos programas, individualmente, de modo a que possamos compreender melhor as suas diferenças e semelhanças.

Estas metodologias diferem em alguns pontos, mas estão de acordo em relação ao facto de considerarem a obra de arte como um aspeto central da educação e desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Para além destes programas, existem outros que mereciam a nossa atenção. Contudo, os que nos pareceram mais marcantes foram os seguintes: *Primeiro Olhar - programa integrado de artes visuais*, promovido pela Fundação Calouste de Gulbenkian em Portugal; *Método Comparativo de Análise de Obras de Arte*, de Edmund Feldman; *Visual Thinking Strategies (VTS)*, de Abigail Housen e Philip Yenawine; *Learning to Think by Looking at Art*, desenvolvido pelo David N. Perkins; *Learning through Art*, desenvolvido pelos serviços educativos do Guggenheim de Bilbao; *Discipline-Based Art Education (DBAE)*, promovido por Getty Center for Arts Education e a *Proposta Triangular* da autora Ana Mae Barbosa.

A referência a estes programas foi retirada de um relatório de estágio do ano letivo de 2011/2012, deste mesmo MEAU-UBI, da autoria de Bruno lapa.

I.7.1. Metodologias e Programas que privilegiam o contacto com a Obra de Arte

Os programas referidos não só facilitam e promovem o diálogo com as obras de arte, como também revelam ser instrumentos preciosos para o desenvolvimento do conhecimento artístico.

Os seus objetivos e estratégias são os seguintes:

- Desenvolver o pensamento crítico (manifestação de opiniões acerca da obra de arte que se está a observar, de forma sustentada e fundamentada).
- Descodificar mensagens presentes nas obras (através do desenvolvimento da sensibilidade artística/estética, da educação visual e da experimentação plástica.)

Estas metodologias partem do ponto de vista de que podemos aprender a pensar através do contacto com obras de arte.

Pretendem ajudar os alunos a observar as imagens de um modo mais profundo, extenso, amplo e abrangente de modo a que o seu olhar seja mais organizado e através da prática e da exploração plástica, desenvolver nos alunos capacidades de os tornar seres mais criativos.

Analisemos então os programas mencionados através das suas principais características:

I.7.1.1. PRIMEIRO OLHAR - PROGRAMA INTEGRADO DE ARTES VISUAIS.

Promovido pela Fundação Calouste de Gulbenkian e orientado por: Rui Mário Gonçalves, João Pedro Fróis e Maria Elisa. Decorreu desde o ano de 1997 até ao ano de 2000;

A principal intenção do programa era usufruir/servir-se das coleções de arte dos dois museus da Fundação Calouste Gulbenkian como recurso;

O objetivo era promover o contacto de crianças com as trinta e quatro obras do museu, possibilitando, o desenvolvimento da sensibilidade estética, criando capacidade para o diálogo com a obra de arte. Foram delineados percursos próprios para a promoção deste diálogo, assim como a distribuição de atividades por quatro áreas específicas de intervenção (Estética; História da Arte; Crítica da Arte e Produção Plástica) em que foram utilizadas as seguintes estratégias:

- Apreciação e criação artística realizada a partir das qualidades expressivas das obras observadas;
- Despertar do interesse dos educadores, crianças e adultos para as duas coleções de arte.
- Possibilitar o diálogo com as obras através de materiais didáticos especialmente concebidos para a explicação estética;
- Proporcionar aos educadores, através de iniciativas formativas, da utilização deste modelo na preparação de visitas de estudo aos museus.

Destina-se essencialmente a observadores principiantes, podendo adaptar-se a qualquer faixa etária;

Utilizava como propulsores oito percursos visuais (determinados a partir de trinta e quatro obras das coleções do Museu Gulbenkian e do Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão):

(1) Duas famílias estilísticas; (2) Impulsividade do traço - mancha livre; (3) Sentido das proporções e arabesco; figura humana/pares; (4) Cor digitalizável; (5) Apuramento da forma - Encadeamento; (6) Volume e espaço; (7) Metamorfose e metáfora e (8) Integração - Cor.

Contemplava a vertente avaliativa, essencialmente qualitativa e baseada na observação da dinâmica de funcionamento das sessões (os trabalhos eram guardados em portfólios).

Este programa teve a grande vantagem de se materializar num recurso pedagógico - um livro, destinado a todos os educadores e utilizável em diferentes ambientes.

I.7.1.2. MÉTODO COMPARATIVO DE ANÁLISE DE OBRAS DE ARTE.

Desenvolvido por *Edmund Feldman*

O seu objetivo consiste em envolver os alunos no uso da crítica como meio para introduzir a natureza da arte. A capacidade de crítica só se desenvolve através da habilidade de ver, através de quatro processos:

- Descrição: prestar atenção ao que vê;
- Análise: observar o comportamento do que se vê;
- Interpretação: dar significado ao que vê;
- Avaliação: decidir acerca do valor de um objeto de arte.

Feldman nunca propõe a leitura de uma única obra, mas sim duas ou mais, isto para que o aluno possa tirar as suas conclusões através de uma análise comparativa visual entre as obras; O autor sugere que haja sempre uma proposta de trabalho prático.

I.7.1.3. VISUAL THINKING STRATEGIES (VTS).

Surge de uma pesquisa de Abigail Housen e tem vindo a ser testado desde 1991.

É um programa de artes visuais para alunos e professores.

Parte da ideia de que encontrar significado nas obras de arte implica a capacidade de pensar. Influenciado pelos trabalhos de psicólogos e teóricos educacionais como Jerome Bruner, Rudolf Arnheim e Lev Vygotsky.

Housen utiliza a técnica de entrevista para estudar as reações estéticas das crianças e adultos.

A estratégia:

- Criar um ambiente de grupo - a exposição ao pensamento dos seus pares facilita as transições face à forma de pensar;
- Apresentar um estímulo - constituído por uma sequência de obras de arte criteriosamente selecionadas;
- Focar a atenção - através de uma sequência de perguntas;
- Apoiar um processo de diálogo construtivo - importância da verbalização e linguagem no desenvolvimento do pensamento.
- Depois de adquirirem alguma experiência é solicitado aos alunos que desenvolvam os seus próprios pensamentos escrevendo sobre arte;

O programa VTS foi pensado de forma a poder introduzir-se nos programas e horários escolares;

O programa VTS utiliza como modelos: o currículo *VTS K-5, Elementary* (1º ciclo); o currículo *Middle School* (2º e 3º ciclos), o currículo *High School* (ensino secundário), o currículo *Pre-Kindergarten* (pré-escolar) e o método *Medical Schools*;

Partem da abordagem pessoal da criança/jovem e progridem até procurarem as intenções dos artistas e a identificação de elementos de estilos artísticos;

I.7.1.4. LEARNING TO THINK BY LOOKING AT ART

Surge da proposta de David N. Perkins em 1994.

Esta metodologia é referenciada no seu livro *Intelligent Eye*, publicado pelo The Getty Education Institute for the Arts, pretende transmitir a ideia de que observar arte exige pensar e que observar arte é uma maneira de cultivar disposições do pensamento (Reis, 2009, p.98) e que, pelo contacto visual com obras de arte podemos aprender a pensar.

Incentiva a um olhar atento e com tempo, de modo a que possamos aprender a pensar através do contacto visual com as obras de arte. O autor apresenta quatro disposições para que o olhar seja profícuo:

- Dar tempo ao olhar- em vez de termos um olhar apressado;
- Tornar o olhar vasto e audaz- em vez de termos um olhar pouco abrangente;
- Tornar o olhar limpo e profundo - em vez de termos um olhar turvo ou empoeirado;
- Tornar o olhar organizado - em vez de nos dispersarmos de tal modo que confundamos tudo;

Segundo este método, olhar a arte permite o uso de vários tipos de cognição e estimula as relações com muitos outros domínios de experiência humana. Possibilita o conhecimento de contextos históricos, culturais e sociais nos quais as obras foram criadas, potenciando o olhar e as habilidades para pensar sobre arte. As indicações do autor permitem ao observador dialogar com proveito com a obra de arte e usufruir plenamente da sua experiência estética.

Esta metodologia não contempla a produção artística.

É essencialmente dirigida ao observador individual.

As indicações são visivelmente dirigidas a um observador principiante, que inicia o diálogo com a obra de arte.

Proporciona os meios necessários para que o observador tire o máximo partido da sua experiência com a obra de arte.

I.7.1.5. LEARNING THROUGH ART.

Desenvolvido pelos serviços educativos do Guggenheim de Bilbao. Trata-se de uma adaptação de um outro programa do Museu Solomon R. Guggenheim de Nova York que foi iniciado em 1970 por Natalie K. Lieberman como resposta à eliminação das aulas de educação artística das escolas primárias na cidade.

Este programa: utiliza a criação de arte para complementar o currículo da escola primária, estando projetado para integrar a arte nas aprendizagens dos alunos; pretende estabelecer a colaboração entre artistas e professores, na sala de aula, através da realização de oficinas de arte, ao longo de todo o ano letivo, que visam o reforço de diversas áreas do currículo e contribuem para o desenvolvimento de várias competências.

Estas oficinas são realizadas uma vez por semana, durante um período de 10 a 20 sessões, com a duração de 90 minutos, cada, e envolvem diversas disciplinas artísticas (fotografia, pintura, escultura, vídeo, música, arte digital, ou qualquer outra);

Pretende desenvolver competências relacionadas com o pensamento crítico e artístico. As competências relacionadas com o pensamento crítico são desenvolvidas através de perguntas abertas e conversas entre professor e aluno. Os alunos são incentivados e convidados a refletir sobre as suas interpretações da obra de arte, com explicações de detalhes e a fazer múltiplas interpretações da obra durante a discussão.

Através do inquérito/questionamento, os alunos desenvolvem competências em literacia visual e verbal também.

I.7.1.6 DISCIPLINE-BASED ART EDUCATION (DBAE).

Programa de abordagem ao ensino das artes, formalizado em (1982) pelo Getty Center for Arts Education. Proporciona cursos aos professores para ensinarem arte às crianças e proporciona uma visão alargada da arte pois, propõe o estudo de qualquer obra de arte com base em quatro disciplinas diferentes, adaptadas a idades e níveis de ensino diferentes:

- Produção de arte (os alunos aprendem técnicas e aptidões para produzir obras, pessoal e original);
- História de Arte (os alunos estudam as realizações artísticas do passado e do presente);
- Crítica de arte (os estudantes descrevem, interpretam, avaliam e julgam as propriedades e qualidades da forma visual, com a finalidade de compreender e apreciar obras de arte);
- Estética (os alunos são incentivados a elaborar reflexões, opiniões e julgamentos; como, também, examinar os critérios de avaliação das obras de arte);

Originalmente o DBAE foi desenvolvido para a área das artes visuais, só mais tarde é que evoluiu para outros campos (por exemplo: dança, teatro e música).

O programa pode ser utilizado em diferentes contextos, mas é habitualmente aplicado em museus de arte e em de sala de aula.

O programa parte dos alunos, dos seus interesses, julgamentos, raciocínio e competências ao nível do pensamento crítico.

Os professores são vistos como importantes colaboradores/mediadores no processo.

Utiliza, na sua metodologia, perguntas abertas, grupos de discussão e resolução de problemas.

Usa a arte como um fim em si mesmo e também como meio para ensinar outros assuntos.

O desenvolvimento estético é uma consequência do desenvolvimento do pensamento crítico, do raciocínio e da criatividade.

I.7.1.7. PROPOSTA TRIANGULAR (ANA MAE BARBOSA)

A Proposta Triangular teve início na década de 1980 e foi sistematizada no período de 1987/1993 no Museu Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo. A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento); contextualização e prática artística (o fazer).

Barbosa fez uma adaptação de vários métodos de ensino que conheceu, nomeadamente da proposta americana *Discipline Based Art Education* (DBAE) que propunha o ensino da arte alicerçado na produção de arte, história da arte, crítica e estética. Implicava o desenvolvimento de atividades com crianças e adolescentes, utilizando as obras de arte do

acervo do museu como referência, e a formação de professores e educadores. Esta experiência pretendia sistematizar a metodologia apresentada em 1991 na sua obra “A Imagem no Ensino da Arte - anos oitenta e novos tempos”.

De acordo com Barbosa, a proposta surge alicerçada em três eixos de ação:

Ler obras de Arte:

Baseia-se na descoberta da capacidade crítica dos alunos. O mais importante nesse processo é *“desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos diferentes acerca de imagens e de Arte”*. De acordo com Barbosa, (citado por Lapa, 2012, p.45) a *“leitura de imagem, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a recetáculos das informações do professor, por mais inteligentes que elas sejam”*. Importa, pois, desenvolver a capacidade de ver, descobrir e ler/analisar a obra de arte desenvolvendo o senso estético.

Fazer Arte:

Baseia-se em estimular o fazer arte, trabalhando a releitura, não como cópia, mas, como interpretação, transformação e criação.

Este é o processo pelo qual o aluno realiza o seu trabalho de criação (desenho, pintura, escultura, instalação, entre outros), através de experimentação de técnicas, materiais e suportes diversos. Importa lembrar, aqui, que os trabalhos que os alunos realizam não são considerados obras de arte mas sim produções plásticas.

As imagens ajudam a compreender ideias e conceitos. O tocar e o fazer a cimentar os conhecimentos.

Contextualizar:

Este eixo prevê que o ensino de arte seja contextualizado, consiste em interrelacionar a História da Arte com outras áreas do conhecimento, com o mundo ao redor, mas de uma forma que vá além das informações factuais e legitimadas pelos historiadores e críticos de arte ou de uma visão histórico/cronológica, devendo-se abordar também os conceitos estéticos das diferentes épocas bem como o meio social e cultural em que determinada expressão artística surge.

Permite que se contextualizem as imagens e perceba o espaço e o tempo em que são produzidas (história da arte). Nenhuma obra de arte pode ser devidamente apreciada separada do contexto histórico-cultural em que foi produzida.

Esta metodologia não separa, individualmente, cada uma das suas vertentes, bem pelo contrário, pretende que estas sejam trabalhadas em conjunto. Um professor, ao aplicar esta metodologia em sala de aula, tem a liberdade de optar por principiar a apresentação de uma obra de arte pela vertente “Fazer Arte”, como “Apreciar Arte” ou “Conhecer Arte”.

Todos estes métodos têm vários pontos em comum. Destacamos o facto de todos eles refletirem sobre a importância do olhar, da interpretação, da assimilação, da reflexão e da crítica, acentuando deste modo as potencialidades do diálogo com a obra de arte no contexto educativo. Neste sentido, parece-nos que nos conteúdos programáticos do 3º ciclo da disciplina de Educação Visual é possível integrar, de uma forma simples e adaptada, algumas destas estratégias. Com base nestes programas, planeamos as Unidades de Trabalho desenvolvidas durante a PES, que se encontram descritas mais detalhadamente no capítulo II.

1.8. Considerações Finais

Podemos constatar, que o contacto com obras de arte ou com imagens de obras de arte estimula a criatividade do aluno, contribui para o desenvolvimento de capacidades importantes para o crescimento do jovem.

Neste sentido, o contacto com a obra de arte é fundamental para que se estabeleça um diálogo, uma relação que permite desenvolver o sentido crítico, comunicativo e estético.

Como foi referido, ao longo deste capítulo, o diálogo com a obra de arte no contexto educativo bem como, a utilização da imagem como recurso pedagógico, proporciona e promove uma troca de informações abrangendo várias áreas do saber tornando o processo bastante enriquecedor.

No entanto, centrámo-nos na abordagem de Programas e Metodologias que privilegiam o diálogo Obras de Arte e na utilização da imagem como recurso pedagógico, amudando essenciais a modo de resumo, os seguintes pontos:

- O desenvolvimento da Literacia em Artes Visuais (Comunicação; Criação; Compreensão);
- O diálogo do indivíduo com a obra de arte;
- Possibilitar ao aluno o maior contacto possível com diferentes obras de Arte sem ignorar ou criticar determinadas manifestações artísticas em detrimento de outras, mas mantendo sempre um critério de qualidade;
- O aluno aprende a pensar através do contacto visual com a arte;
- Proporcionar aos alunos um maior contacto com arte, através de práticas de investigação; da produção e realização de espetáculos, oficinas, exposições, instalações e outros; da utilização das tecnologias da informação e comunicação; da assistência a diferentes espetáculos/exposições/instalações e outros eventos artísticos; do contacto com diferentes tipos de culturas artísticas;
- Os professores das áreas das artes devem procurar ter um conhecimento global sobre a sua vasta área do saber e proporcionar aos seus alunos experiências únicas;
- Conhecer as características da linguagem visual (espacial, global, um ponto de vista, estruturalidade, signos, flexibilidade);
- Identificar, na linguagem visual, o nível sintático; semântico; pragmático;
- Conhecer as características da imagem;
- O estudo da imagem em termos semióticos, psicológicos e sociológicos;
- A Função da imagem (a imagem pedagógica destina-se a envolver o próprio aluno; transmitir conhecimentos);
- Ter em conta que a linguagem visual é complexa, existem várias formas de expressar o mesmo conteúdo;
- Conhecer a gramática visual (docentes que querem recorrer às imagens como auxiliar didático, têm de dominar a sua gramaticalidade);

Capítulo II

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

II.1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

O presente capítulo pretende resumir detalhadamente, a Prática de Ensino Supervisionada (PES), decorrida ao longo do ano letivo 2012/2013, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras (ESQP), na cidade da Covilhã, sob a orientação do docente da Escola, Orientador Cooperante Dr. João Paulo Trigueiros, e da Supervisora da Universidade da Beira Interior, Prof.^a Doutora Fátima Caiado.

A Prática de Ensino Supervisionada é uma mais valia para o MEAV, pois o professor estagiário tem a possibilidade de contactar diretamente com uma turma, explorando aptidões com um constante feedback dos alunos e da sua evolução na aquisição das competências desejadas (observa, experimenta, aprende, e reflete sobre as metodologias utilizadas em contexto sala de aula), acompanhado por um professor (Orientador Cooperante) com mais experiência. Por estas razões, o estágio proporcionado pela UBI/ESQP é importante para a formação de futuros professores, sendo por isso, precioso.

A professora estagiária Sofia Freire, autora do presente relatório, licenciou-se no curso de professores do Ensino Básico na variante de Educação Visual pela Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Beja, em Julho de 1994. Desde então leciona há cerca de 17 anos, em várias escolas do país, na disciplina de Educação Visual e Tecnológica no 2º ciclo. A PES tornou-se, assim, uma ferramenta complementar para a formação profissional e pessoal da autora deste relatório, pois, a sua experiência centrava-se, apenas, no segundo ciclo.

A PES desenvolveu-se no 3º ciclo do ensino básico, com uma turma do 8º ano, na disciplina de Educação Visual. Iniciou-se no dia 3 de setembro de 2012, juntamente com as colegas de estágio Dra. Sara Gil e Dra. Vera Silva. O Orientador Cooperante, Dr. João Paulo Trigueiros distribuiu, a cada professora estagiária, uma turma do 3º ciclo, pela qual seriam responsáveis durante o estágio pedagógico.

A autora deste relatório teve a seu cargo, no 1º e 2º períodos, a turma do 8º B, à qual lecionou um total de 44 aulas da disciplina de Educação Visual: 16 no 1º período, 22 no 2º período e 6 no 3º período.

Durante a sua docência supervisionada, a autora do relatório realizou as planificações, orientou, lecionou e avaliou três Unidades de Trabalho (UT), nomeadamente: *A Mascote (Comunicação Visual)*; *A Forma/ Estrutura (Linguagem Visual)* e *A “Sheep Parade” (Organização Formal)*, que serão abordadas neste capítulo, no ponto II.4.

Participou em reuniões de vários órgãos escolares, tais como: Reunião de núcleo de estágio; Reunião de grupo de Artes Visuais; Reunião de conselho de turma.

Participou e desenvolveu atividades extracurriculares, em conjunto com o núcleo de estágio, nomeadamente: a visita de estudo a Gouveia (Parque ecológico e Museu Abel Manta em Gouveia), a intervenção “Street Art” do artista Nilo Zack, na escola, e a organização da exposição de trabalhos realizada no Serra Shopping. Estas atividades serão descritas neste capítulo, no ponto II.5..

Neste capítulo abordaremos os seguintes tópicos: Caracterização do Contexto Escolar; Enquadramento da Disciplina Lecionada; Ação Didática e Pedagógica; Atividades Complementares e Extra Curriculares; Articulação e Colaboração; Relação Pedagógica e Análise Crítica do Estágio.

II.2. Caracterização do Contexto Escolar, A escola Secundária Quinta das Palmeiras



Figura - 18 - Cidade da Covilhã,
<http://www.panoramio.com/photo/42633379?tag=Covilh%C3%A3>

A Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, localiza-se na baixa da cidade da Covilhã. Inicialmente denominada Escola Secundária Nº3 da Covilhã, criada pela portaria nº791/86 de 31 de Dezembro e instalada na antiga Quinta das Palmeiras, entrou em funcionamento no ano letivo de 1987/88. Como o primeiro nome indica, esta foi a terceira escola a ser implementada na cidade. Devido ao facto de haver escolas mais conceituadas na cidade, os alunos que frequentavam esta escola eram aqueles que, na sua maioria, não conseguiam matrícula nas restantes. A escola recebia então, nos anos iniciais, muitos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), entre os quais alunos deficientes motores com paralisia cerebral, tetraplegia e com outras condições diversas, às quais as restantes escolas não conseguiam dar resposta. Este ingresso de alunos com NEE fez com que a ESQP refletisse no problema social de encontrar uma educação que contemplasse todos os alunos, de acordo com a especificidade de cada um. Assim, com a vontade coletiva de pais e professores, a escola enquadrou a sua ação prioritária na busca de respostas educativas para todos os alunos com NEE.



Figura 19 e 20 -Escola Quinta das Palmeiras,
<http://www.google.pt/search?q=escola+quinta+das+palmeiras>

Em 2002, a Escola passou a integrar também o ensino secundário. Em 2006, foi sujeita a avaliação externa e desta apreciação resultou a classificação máxima de Muito Bom em todos os domínios avaliados.

No mesmo ano, a Escola foi escolhida pelo Ministério da Educação para a celebração de um contrato de autonomia (Anexo1) conferindo, a esta, a capacidade e independência para deliberar em diferentes áreas, como: na organização pedagógica e curricular; nos recursos humanos; na ação social escolar; na gestão estratégica; patrimonial, administrativa e financeira, entre outras.

Um dos objetivos previstos no contrato de autonomia era a criação de um Centro Tecnológico, cuja inauguração se realizou no ano 2011, com o objetivo de desenvolver conteúdos escolares e aliá-los à área de investigação e tecnologia.

Atualmente é uma escola de referência, quer pelo ensino dos alunos com necessidades educativas especiais, quer pelo ensino tradicional do terceiro ciclo e secundário, quer por este Centro recém criado.



Figura 21- Exterior do Centro Tecnológico,
<http://www.google.pt/search?q=escola+quinta+das+palmeiras>

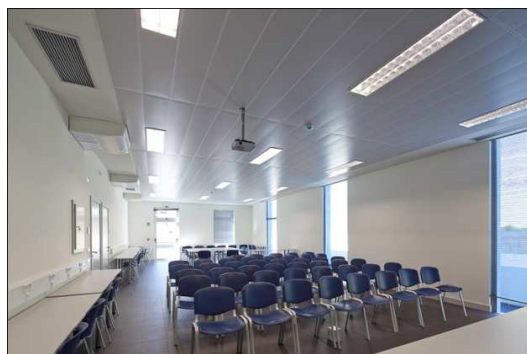


Figura 22 - Interior do Centro Tecnológico,
<http://www.google.pt/search?q=escola+quinta+das+palmeiras>

Este ano letivo 2012/2013, a Escola Secundária Quinta das Palmeiras vence o Prémio de Escola- Mérito Institucional 2013. (Anexo 2).



Figura 23 - medalha atribuída à escola

Louvor n.º 272-D/2013

PRÉMIO DE ESCOLA – MÉRITO INSTITUCIONAL – 2012

Área geográfica do Centro

Com o objetivo de distinguir as escolas que, de forma excecional, desenvolveram a qualidade da educação, da aprendizagem e dos resultados através do desenvolvimento de projetos coletivos, o Ministério da Educação e Ciência instituiu, através do Despacho n.º 13346/2012, de 11 de outubro, a atribuição anual do Prémio de Escola dirigido aos estabelecimentos públicos – agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas – e privados da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

Concluída a 1.ª edição deste Prémio de Escola – Mérito Institucional, o júri constituído, para o efeito, deliberou na sua reunião de 18 de fevereiro de 2013, atribuir o “Prémio de Escola – Mérito Institucional 2012”, a cinco escolas inseridas em cada uma das áreas geográficas.

Assim, ao abrigo do n.º 1 do artigo 6.º do Regulamento do Prémio de Escola, aprovado pelo Despacho n.º 13346/2012, de 1 de outubro, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, N.º 197, de 11 de outubro:

1. Decido dar um público tributo de apreço e reconhecimento à Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã, pela distinção recebida, a qual serve a causa da educação.

2. Publique-se no *Diário da República*.

5 de abril de 2013. — O Ministro da Educação e Ciência, *Numo Paulo de Sousa Arrobas Crato*.

206880824

Quanto às infraestruturas, a Escola é um Estabelecimento relativamente recente, construído na década de 80. Situada numa zona privilegiada da cidade, dispõe de grandes áreas envolventes que se distribuem entre espaços verdes e pátios. No que diz respeito às instalações, o edifício escolar é composto por quatro blocos principais, um pavilhão Gimnodesportivo, para além do Centro tecnológico. Os blocos estão ligados entre si por uma passadeira coberta.

Atualmente a sua organização interna distribui-se da seguinte forma:

Bloco A	Bloco B	Bloco C	Bloco D	Centro Tecnológico	Pavilhão Gimnodesportivo
Auditório Biblioteca Sala de Professores Secretaria Reprografia Sala de informática Sala multimédia Salas de aulas Buffet/Bar Sanitários Conselho Executivo Sala DT Sala Reuniões APO e SASE	Laboratórios Arrecadações Salas de aulas Manutenção Sanitários Anexos Laboratórios	Salas de aulas Arrumos Salas de Ed. visual Arrecadações Sanitários Laboratórios TIC	Refeitório Sala Associação de Estudantes Sala Associação de Pais Sala Convívio dos alunos Gabinete NEE Sanitários	Salas multimédia Sala informática Biblioteca Sala de conferências Escritórios Sanitários	Balneários Sanitários Sala Professores Arrumos Arrecadação

Tabela I - Distribuição interna da Escola.

O terreno da escola é plano e encontra-se totalmente vedado. A entrada e a saída da escola são vigiadas por um auxiliar de ação educativa que ocupa o espaço da Portaria, junto do portão de acesso ao recinto escolar.

Nesta Escola existem duas salas de Educação Visual, com bastante iluminação/ventilação, com possibilidade de as escurecer quando necessário, comunicadas com uma arrecadação, bancadas com lavatório, quadro branco, computador, data-show e armários onde os alunos arrumam as capas e onde existem vários materiais necessários às atividades práticas, devidamente organizados. Existe, ainda, uma arrecadação, no exterior das salas de aula, onde são guardados materiais e trabalhos das aulas de Educação Visual.

Uma das salas está equipada com cadeiras altas e estiradores e tem as condições essenciais à prática letiva. A outra, tem cadeiras e carteiras mais baixas, (como as das salas “normais”) em quantidade suficiente. A primeira foi a sala de trabalho da autora deste Relatório.



Figura 24 e 25 - salas de E. Visual

II.2.1. Grupo Disciplinar

O grupo disciplinar de Artes Visuais é constituído pelos professores: António Amaral, João Paulo Trigueiros, Maria Alcina Santos, Maria Nunes Afonso e Paulo Morais, sendo coordenado pela professora Maria Alcina Santos. Quatro professores têm formação em Design (Moda, Vestuário, Multimédia e Gráfico) e um em Artes Plásticas (Escultura), e todos são professores integrados no quadro de nomeação definitiva.

II.2.2. Orientador Cooperante

O Orientador Cooperante, Dr. João Paulo Trigueiros, é formado em Artes Plásticas/Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. A sua experiência profissional é bastante vasta, com uma carreira de docência de cerca de 35 anos, com experiência a nível do 2º e 3º ciclos e ensino secundário. Lecionou em Cascais e na cidade da Covilhã. Até ao momento, exerceu o cargo de Diretor de Turma, Coordenador de Grupo, Coordenador de Departamento, Orientador de Estágios e Relator de Grupo para a Avaliação de Professores. Também tem experiência, como animador cultural, em bairros problemáticos da cidade de Lisboa.

II.2.3. Professora Estagiária Sofia Freire

A professora estagiária Sofia Freire, autora do presente relatório, licenciou-se no curso de professores do ensino Básico na variante de Educação Visual, pela Escola Superior de Educação no Instituto Politécnico de Beja, em Julho de 1994. Desde então lecionou, em várias escolas, do país, na disciplina de Educação Visual e Tecnológica, no 2º ciclo, durante dezassete anos consecutivos. Iniciou a sua carreira, como docente, no ano letivo 1994/95 na escola básica 2/3 de Silvares, Fundão; no ano letivo 1995/96 lecionou na escola preparatória de Resende; no ano letivo 1996/97 apresentou o seu curriculum na escola particular Externato de Nossa Senhora dos Remédios, no Tortosendo (Covilhã) e aí lecionou a disciplina de Educação Visual e Tecnológica, até ao ano letivo 2010/2011. Ao longo destes anos frequentou diversas ações de formação, não só relacionadas com a sua área como também com temas relacionados com a Educação, tais como: *”Expressão Plástica e Educação Artística- A criança e a Arte”*; *“As formas animadas na Escola- Construção de fantoches, máscaras e cabeçudos”*; *” Gravura Artística”*; *“Pintura em Azulejo”*; *“A utilização das TIC nos processos de Ensino/Aprendizagem”*; *”Educar na Área-da-Escola no limiar do século XXI”*; *“ A Avaliação”*; *”Modos de Concretização dos Atos de Avaliação”*; *“A Escola de Sofia- Projeto Sofia para uma escola comunidade”*; *“Inovação e Motivação Pedagógica”*.

II.2.4. Núcleo de Estágio

O Núcleo de Estágio de Artes Visuais da Universidade da Beira Interior, para o ano letivo 2012/2013, da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, da cidade da Covilhã, foi constituído por três estagiárias: Sara Gil, Sofia Freire (autora deste relatório) e Vera Silva.

As três estagiárias são de origem portuguesa, de zonas diferentes do país, a estagiária Sara, de Santa Maria da Feira, a Estagiária Sofia, da Covilhã e a estagiária Vera, de Alcobça. As formações base das estagiárias são bastante diversificadas e são as seguintes:

-A Professora Estagiária, Sara Gil, licenciou-se em Artes Decorativas Portuguesas, com média de 15 valores, no ano de 2005, pela Escola Superior de Artes Decorativas. Tem dois anos de experiência de ensino em Artes Visuais. O primeiro ano foi em 2009/2010, no qual lecionou Desenho A, de 11º ano, na Escola Secundária de Alpendorada, sendo Diretora de Turma, da turma em questão. O segundo ano foi em 2010/2011, no qual lecionou Educação Visual, de 7º, 8º e 9º ano, na Escola EB23 D. Afonso Henriques, tendo cinco alunos com Necessidades Educativas Especiais, dos quais uma aluna era disléxica e um aluno era hiperativo. A experiência de ensino desse ano deu origem à sua investigação, desenvolvida no seu Relatório de Estágio. A Professora Estagiária, Sara Gil, também se dedica à pintura e escultura.

- A estagiária Vera Silva é licenciada em Design Industrial pela Universidade da Beira interior (UBI), no ano de 2011. Desenvolveu vários projetos de *design* para empresas portuguesas durante o processo de formação. Integrou o Mestrado de Ensino das Artes Visuais ainda em 2011 com o objetivo de interligar duas áreas da sua preferência.

Ao nível de experiência na docência, enquanto as estagiárias Sara Gil e Sofia Freire já lecionaram, detendo alguma experiência pedagógica, a estagiária Vera Silva realiza atualmente a sua primeira experiência pedagógica como professora estagiária.

II.2.5. Turma 8º A

A turma B do 8º ano é constituída por 28 alunos, sendo 16 do género feminino e 12 do género masculino. As idades dos alunos variam entre os doze anos (5 alunos), treze anos (22 alunos) e catorze anos (1 aluno). No Projeto Curricular de Turma (Anexo 3), esta turma é considerada heterogénea ao nível socioeconómico, traduzindo-se, na sua globalidade, num nível médio/alto, tendo os respetivos pais trabalhos e formações bastante diversificadas. Os alunos do 8ºB são residentes predominantemente na cidade da Covilhã, sendo os restantes residentes em povoações circundantes: Peraboa, Boidobra e Canhoso.

No 8ºB, nenhum aluno apresenta repetências em anos de escolaridade anteriores. O aluno que apresenta uma idade superior ao nível de escolaridade em que se encontra, na transição do sistema de ensino espanhol para o português, atrasou um ano.

O nível escolar dos alunos pode ser considerado como bom: predominam no ano letivo anterior os níveis 4 e 5.

Relativamente às expectativas de futuro, a maior parte dos alunos espera alcançar uma formação académica de nível superior.

De um modo global, todos os alunos têm níveis escolares bastante bons, são ordeiros, trabalhadores e aplicados.

II.3. Enquadramento da Disciplina Lecionada

Para se perceber de onde surge a disciplina de Educação Visual no 3º Ciclo é importante ter em conta o seu enquadramento ministerial, como se expressa de seguida.

II.3.1. O Currículo Nacional do Ensino Básico e as Metas de Aprendizagem

O Ensino Básico do Sistema Educativo Português agrupa os 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, fornecendo aos cidadãos o que se chama de formação básica e que é definida inicialmente no decreto-lei 46/86, de 14 de outubro, ponto constantemente reafirmado nas alterações decorrentes desta Lei que é conhecida como a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Recentemente foi revogado o antigo documento orientador do Ensino Básico relativo às competências essenciais e substituído pelas Metas de Aprendizagem:

“As metas curriculares são uma iniciativa do Ministério da Educação e Ciência, surgindo na sequência da revogação do documento “Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais” (Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro). Conjuntamente com os atuais Programas de cada disciplina, as metas constituem as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino: nelas se clarifica o que nos Programas se deve eleger como prioridade, definindo os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade” (cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).

As metas curriculares em conjunto com o Programa de Educação Visual do Ministério da Educação, é a base do planeamento das aulas. É a partir desta ferramenta que a planificação das UT é elaborada.

“As metas curriculares estabelecem aquilo que pode ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, em cada um dos anos de escolaridade ou ciclos do ensino básico. Constituindo um referencial para professores e encarregados de educação, as metas ajudam a encontrar os meios necessários para que os alunos desenvolvam as capacidades e adquiram os conhecimentos indispensáveis ao prosseguimento dos seus estudos e às necessidades da sociedade atual. (...) realçando o que nos atuais Programas deve ser objeto de ensino, representando um documento normativo de progressiva utilização obrigatória, por parte dos professores” (cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).

As metas curriculares de educação Visual (2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico) estão organizadas por ano letivo e estruturam-se em quatro domínios que se conjugam para o desenvolvimento de conhecimentos no contexto da **Técnica**, da **Representação**, do **Discurso** e do **Projeto**.

“As metas de Educação Visual pretendem estimular um universo de conhecimentos abrangentes, incentivar a assimilação de conhecimentos em rede, em que as informações são sincronizadas, permitindo alcançar uma educação em que o conhecimento circula, progride e se difunde” (cf. Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril).

No 2º ciclo os objetivos gerais, segundo as metas, incidem sobre conteúdos como materiais básicos de desenho, os elementos constituintes da forma, a comunicação e narrativa visual, cor, espaço, património e discurso.

No âmbito dos objetivos gerais no 3º Ciclo, as metas incidem sobre conteúdos como a representação de formas geométricas, desenho expressivo, sólidos e poliedros, Design, luz-cor, expressão e decomposição da forma, comunicação visual, Arquitetura, perspetiva, perceção visual e construção da imagem, arte e património e Engenharia.

II.3.2. Matriz do Ensino Básico 3ºciclo

Ao nível da organização curricular, no 3ºciclo, o Decreto-Lei n.º139/2012 de 5 de julho, publicado em Diário da República, 1.ª série – N.º 129 – 5 de julho de 2012, justifica da seguinte forma a revisão da estrutura curricular, definindo os seguintes objetivos:

“ Nestes termos, tendo em vista melhorar a qualidade do que se ensina e do que se aprende, o presente diploma procede à introdução de um conjunto de alterações destinadas a criar uma cultura de rigor e de excelência, através da implementação de medidas no currículo dos ensinos básico e secundário. A revisão da estrutura curricular que ora se pretende concretizar através das alterações às matrizes curriculares assenta, essencialmente, na definição de princípios que permitem uma maior flexibilidade na organização das atividades letivas.

“A redução da dispersão curricular concretiza -se no reforço de disciplinas fundamentais, tais como o Português, a Matemática, a História, a Geografia, a Físico - Química e as Ciências Naturais, na promoção do ensino do Inglês, que passará a ser obrigatório por um período de cinco anos. Adicionalmente, na área das expressões reafirma -se um reforço da identidade disciplinar.

(...) Dá -se flexibilidade à duração das aulas, eliminando -se a obrigatoriedade de organizar os horários de acordo com tempos letivos de 45 minutos ou seus múltiplos.”

Ao nível da organização curricular no 3ºciclo, o Decreto-Lei n.º139/2012 de 5 de julho, nos (artigos 2.º e 8.º Anexo II) define da seguinte forma a *Matriz curricular do 3º ciclo*:

“No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos, em simultâneo, em todas as disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas.”

A presente matriz curricular apresenta a carga horária semanal organizada em períodos de 45 minutos, assumindo a sua distribuição semanal e por anos de escolaridade um caráter indicativo para as escolas:

Componentes do currículo		Carga Horária Semanal (a)			
		7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Áreas disciplinares	Português	5	5	5	15
	Línguas Estrangeiras	6	5	5	16
	Inglês;				
	Língua Estrangeira II;				
	Ciências Humanas e Sociais	5	5	6	16
	História;				
	Geografia;				
	Matemática	5	5	5	15
	Ciências Físicas e Naturais	6	6	6	18
	Ciências Naturais;				
	Físico-Química;				
	Expressões e Tecnologias	(b) 4	(b) 4	3	11
	Educação Visual;				
	TIC e Oferta de Escola (c);				
Educação Física;	3	3	3	9	
Educação Moral e Religiosa (d)	(1)	(1)	(1)	(3)	
<i>Tempo a cumprir</i>	34 (35)	33 (34)	33 (34)	100 (103)	
Oferta complementar	(e)	(e)	(e)	(e)	

(a) Carga letiva semanal em minutos, referente a tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo.

(b) Do total da carga, no mínimo, 2 x 45 minutos para Educação Visual.

(c) Nos termos do disposto no artigo 11.º.

(d) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 15.º, parte final, com carga fixa de 1 x 45 minutos.

(e) Frequência obrigatória para os alunos, desde que criada pela escola, em função da gestão do crédito letivo disponível, nos termos do artigo 12.º

Tabela II - Matriz Curricular do 3º Ciclo do Ensino Básico (cf. DL 139/2012, de 5 de Julho)

II.3.3. Programa da Disciplina de Educação Visual, 8ºano

No documento «Metas Curriculares/Educação Visual/ 2ºe3ºciclo» são apresentados os DOMÍNIOS DE REFERÊNCIA, OBJETIVOS E DESCRITORES DE DESEMPENHO para cada ano de escolaridade.

Assim, são apresentados os seguintes objetivos gerais para o 8ºano:

- Compreender conceitos teórico-científicos do fenómeno luz-cor.
- Reconhecer a importância da luz-cor na perceção do meio envolvente.
- Distinguir características e diferenças entre a síntese aditiva e a síntese subtrativa.
- Dominar a aquisição de conhecimento sincrónico e diacrónico.
- Conhecer elementos de expressão e de composição da forma.
- Relacionar elementos de organização e de suporte da forma.
- Distinguir elementos de organização na análise de composições bi e tridimensionais.
- Dominar tipologias de representação bi e tridimensional.
- Reconhecer signos visuais, o poder das imagens e a imagem publicitária.
- Aplicar e explorar elementos da comunicação visual.
- Dominar processos de referência e inferência no âmbito da comunicação visual.
- Explorar princípios básicos da Arquitetura e da sua metodologia.
- Aplicar princípios básicos da Arquitetura na resolução de problemas.
- Reconhecer o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto.

O Plano de organização do ensino - aprendizagem de Educação Visual do 3º ciclo, da Escola Quinta das Plameiras, é uma referência fundamental, pois indica os conteúdos e competências essenciais a trabalhar a nível da Escola em cada ano de escolaridade (Anexo 5).

“O desenvolvimento das unidades de trabalho deverá ter sempre presente os critérios/parâmetros de avaliação definidos em grupo disciplinar/ departamento curricular e legislação em vigor.

A programação feita para o 7º, 8º e 9ºano contempla quer o ajustamento do programa de Educação Visual, quer o documento “Competências específicas - Educação Visual”, de acordo com a reorganização curricular.”

Para além do Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem e das Metas Curriculares, a professora estagiária utilizou vários manuais de Educação Visual, atualizados segundo o Programa das Competências Essenciais da disciplina do 3º ciclo, para a elaboração de algumas apresentações em PowerPoint apresentados na aula.

O programa de Educação Visual do 8º ano do Ensino Básico foi elaborado pelo grupo Disciplinar de Artes Visuais da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, apoiado nas Metas de Aprendizagem, para o ano letivo de 2012/2013 (Anexo V).

II.3.4. A Planificação trimestral da Disciplina de Educação Visual

“No 8ºano aborda-se fundamentalmente a representação do espaço e a conceção de formas aplicando o método de design. Pretende-se que o aluno analise e tenha em conta os fatores que determinam a forma dos objetos, compreenda e utilize nas suas propostas/projetos diferentes modos de representação de objetos e do espaço tridimensional, aplicando códigos de representação normalizada.” (Plano de Organização do Ensino/ Aprendizagem) (Anexo5).

As aulas foram planificadas tendo em conta, as metas Curriculares, o programa de Educação Visual do 3ºciclo e em particular o programa do 8ºano, tendo sempre presente a imagem da Obra de arte como recurso pedagógico. As aulas foram planeadas de modo a serem abrangentes e transversais no seu conteúdo, técnicas e metodologias aplicadas.

Após a pesquisa sobre diversas metodologias e programas de ensino que focassem o diálogo com a obra de arte, exposta no capítulo I, planificámos o projeto a desenvolver ao longo dos dois períodos, dividindo-o em três partes:

- Primeira parte: introduzir a Obra de Arte como um recurso pedagógico e motivar, sensibilizar, estimular os alunos a pensar e a criar.

“O professor de arte deve planificar as experiências que desenvolvam a capacidade do pensamento criador. Não é suficiente que os alunos produzam, mesmo que estas produções se possam chamar arte. É importante desenvolver a faculdade de pensar de forma criadora, de aprender a criar”. (Lowenfeld,1947)

- Na segunda parte: apresentar várias imagens de obras de Arte (pintura), incentivando o diálogo (sobre o que os alunos sentem em relação às imagens) realizar e criar formas.
- Por último, na terceira parte: a partir da observação de obras de Arte, investigar, pesquisar e analisar obras de arte de pintores, para realizar, em grupo, uma composição artística inspirada numa obra de um pintor.

Toda a planificação foi desenvolvida e programada para as 16 aulas previstas do 1º período, (de 20 de setembro de 2012 até 15 de dezembro 2012) e para as 22 aulas do 2º período (de 3 de janeiro de 2013 a 15 de março de 2013), como se apresenta nos quadros seguintes:

Unidade	Competências Específicas	Conteúdos	Propostas de trabalho / Resultados pretendidos	Avaliação	Tempo
0. Apresentação	Aproximar o relacionamento professor/alunos. Estimular o cumprimento de normas democraticamente estabelecidas para trabalhar individualmente e em grupo. Conhecer os objetivos da disciplina. Diagnosticar os conhecimentos adquiridos no ano anterior.	Objetivos da disciplina. Regras na sala de aula. Critérios de avaliação	Diálogo com os alunos sobre os objetivos e critérios de avaliação na disciplina de Educação Visual.		
1. Diagnóstica			Teste diagnóstico Capa para guardar os trabalhos.	Diagnóstica Formativa	
2. Comunicação Visual	Investigar, conceber e executar registos de sinalizações (de serviços, de circulações, de perigos, etc.). Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem.	Diário visual Códigos e signos da Comunicação: -Signos causais: • Indício • sinal • ícone • Símbolo • Logótipo • Ex-libs -Signos intencionais: • sinal • ícone • Símbolo • Logótipo • Ex-libs Papel da imagem na comunicação: - Cartaz - Folheto - Marcador de livros	Recurso ao diário para os registos necessários (notas, esboços...).	Observação direta Trabalhos realizados Diário do aluno	1º Período
			Executar um cartaz alusivo aos 25 anos da escola. -Reconhecer a importância das imagens (publicidade, comercial, social, política, religiosa, etc.) no comportamento das pessoas.	Sumativa	

Tabela III - Planificação 1º Período



Unidade Didática	Competências Específicas	Conteúdos	Propostas de Trabalho / Resultados Pretendidos	Avaliação	Tempo
3. Linguagem Visual: - A Forma - Organização Formal - A percepção - Organização Formal	Reconhecer através da experimentação plástica, a arte como expressão de sentimento e do conhecimento Conhecer elementos de expressão e de composição da forma. Conceber formas obedecendo a alguns princípios de representação normalizada. Compreender através da representação das formas, os processos subjacentes à percepção do volume. Conceber projetos e organizar com funcionamento e equilíbrio espaços bidimensionais e tridimensionais. Conceber organizações espaciais, regras elementares de composição. Dominar tipologias de representação bi e tridimensional.	A Forma -Elementos visuais -Características visuais da forma Organização Formal: -Simetria/ Assimetria -Estrutura - Composição A Percepção: -Afigura e o fundo -Ilusões óticas -Figuras reversíveis Organização Formal: - Composição - Equilíbrio A cor: -Contrastes de cor	Identificar e analisar os elementos visuais (pontos, linhas e superfícies e texturas) Observar e traçar as linhas de contorno exterior e linhas interiores principais. Reconhecer a influência dos elementos definidores da forma (por ex. a luz/cor, a textura, a superfície, o volume, etc.) na percepção visual dos espaços, das formas e dos objetos. Conhecer e identificar os diferentes tipos de simetria (central; axial; plana) Observar e marcar o eixo de simetria do rosto humano. Diferenciar formas simétricas de formas assimétricas Identificar e analisar elementos formais em diferentes produções plásticas. Decompor um objeto simples, identificando os seus constituintes formais (forma, geometria, estrutura, materiais, etc.). Desenvolver ações orientadas para a representação bidimensional da forma, da dimensão e da posição dos objetos/imagem de acordo com as propriedades básicas do mundo visual decifradas através de elementos como ponto, linha e plano. O Contorno / Silhueta Sheep parade Registo gráfico de interpretação e análise da forma. (Reconstrução de uma forma de uma imagem impressa).	Trabalhos realizados Formativa Criatividade	2º Período

Tabela IV - Planificação 2º Período

II.4. Ação Didática e Pedagógica

A prática docente iniciou-se na primeira semana do primeiro período e finalizou-se na última semana do segundo período do ano letivo de 2012/2013. Para conclusão do Relatório de Estágio e de investigações relacionadas com o Mestrado, foi concedida dispensa aos estagiários à componente letiva do 3º período. Porém, no caso da autora deste relatório, foram lecionadas mais três aulas no terceiro período.

O ano letivo de 2012/2013 começou no dia 14 de Setembro. A autora do relatório teve a oportunidade de lecionar durante o 1º e 2º períodos à turma do 8ºB a disciplina de Educação Visual. Foram previstas e lecionadas pela professora estagiária, com a assistência do Orientador Cooperante, Professor João Paulo Trigueiros, um total de aulas (44 blocos de 45 minutos) à turma do 8ºB, 16 no 1º período, 22 blocos no 2º e 6 no 3º período. As aulas de Educação Visual decorreram às quintas-feiras de manhã, das 11h45m às 13h15m, divididas por dois blocos de 45 minutos.

II.4.1. Descrição das aulas. UT1- Comunicação Visual (Apêndice 1)

A primeira aula de Educação Visual foi no dia 20 de Setembro de 2012.

Os alunos foram recebidos à entrada da sala de aula, sendo calmamente mandados entrar, ordenadamente e cumprimentando individualmente. A primeira aula é muito importante, pois o primeiro impacto é fundamental para as aulas seguintes, ou seja, o comportamento e o desenvolvimento da dinâmica da turma depende das regras que são impostas logo no início.

Os alunos sentaram-se e ouviram o Orientador Cooperante dar as primeiras indicações. Foi realizada a apresentação dos professores presentes na sala (orientador cooperante e professora estagiária). A professora estagiária explicou a razão de se encontrar nesta escola, qual o objetivo e informou-os também que só iria estar até ao final do 2º período. Os alunos apresentaram-se dizendo também que trabalhos tinham realizado no ano anterior na disciplina de Educação Visual e o que gostariam de fazer ao longo do ano.

Posteriormente, realizaram um pequeno exercício diagnóstico (Apêndice 2). Numa folha A4 de papel cavalinho, cada aluno tinha de realizar um desenho à vista de um sólido geométrico, escolhido por si e colocado na posição que quisesse. Os materiais, bem como as técnicas de expressão gráfica eram, totalmente, à escolha do aluno. Este exercício possibilitou observar, diagnosticar e perceber o nível de expressividade, motricidade fina e a capacidade interpretativa visual de cada aluno.

A partir da primeira aula, todas as aulas previstas para o 1º e 2º período foram lecionadas pela estagiária, sempre com a presença e orientação do Orientador Cooperante.

II.4.1.1. Construção da capa

Na aula seguinte, os alunos planejaram e montaram a capa que guardou os trabalhos elaborados ao longo do ano.



Figura 26 - alunos em sala de aula

Projetou-se um PowerPoint com a planificação da capa (Apêndice 3), esclareceram-se algumas dúvidas e os alunos começaram a realizar a capa.

No início da planificação, de uma maneira geral, todos perceberam quais os procedimentos a ter. Em vinte e oito alunos, cinco tiveram dificuldade na execução das medidas. No que diz respeito ao corte e dobragem, pode-se observar que a maior parte da turma executou o corte e dobrou a capa sem dificuldade. Apenas dois alunos sentiram mais dificuldade nesta tarefa, tendo sido necessária a ajuda da professora estagiária para conseguirem concretizar a tarefa. Quanto à marcação da legenda e seu preenchimento, grande parte realizou sem dificuldade. Foi-lhes pedido para serem criativos (personalizando) no preenchimento da legenda, no entanto alguns alunos tiveram uma certa dificuldade.

Houve algumas falhas de material, não trouxeram essencialmente tesoura e cola.

No que se refere ao comportamento dos alunos na aula, é de salientar que estiveram empenhados e interessados durante a realização da atividade, classificando-o como bom.

II.4.1.2. Realização de um Símbolo da identidade

Sumário: Conceitos básicos da comunicação visual (códigos da comunicação visual).

Conceção de um símbolo de identidade.

No início da aula, através de um PowerPoint (Apêndice 4), foram lembrados os elementos da comunicação visual (Ponto; linha; forma; estrutura; cor; textura; dimensão), bem como, os Códigos da comunicação visual:

- Signos visuais: Casuais e intencionais (ícone; sinais; símbolos)
- Símbolos: brasão; ex libris; logotipo; banda desenhada; pictogramas; gráficos; caricaturas.

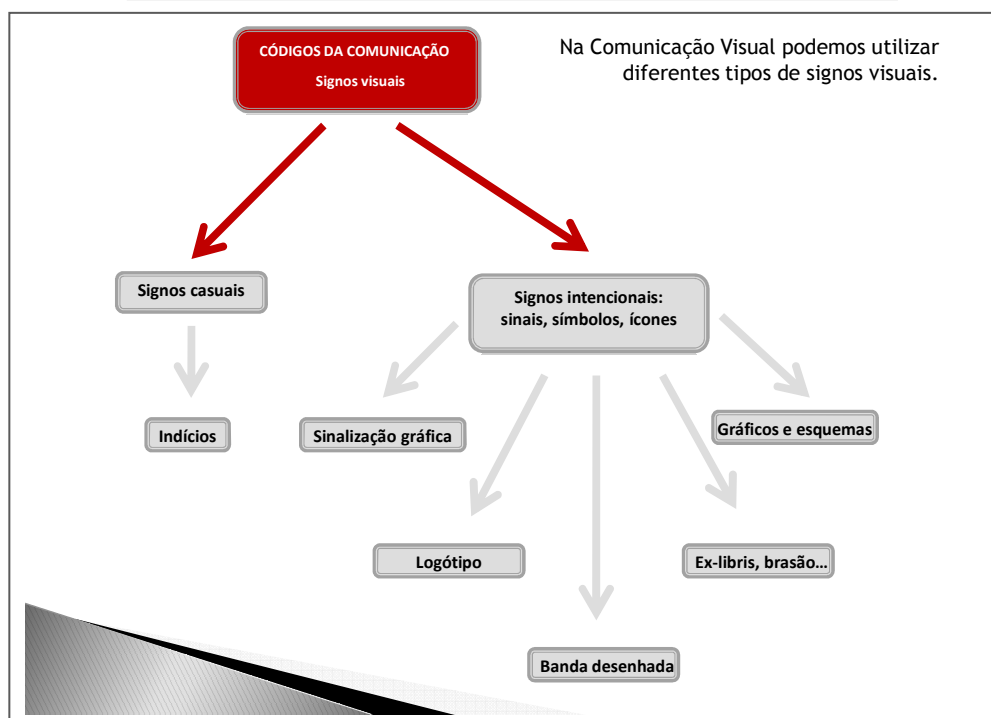
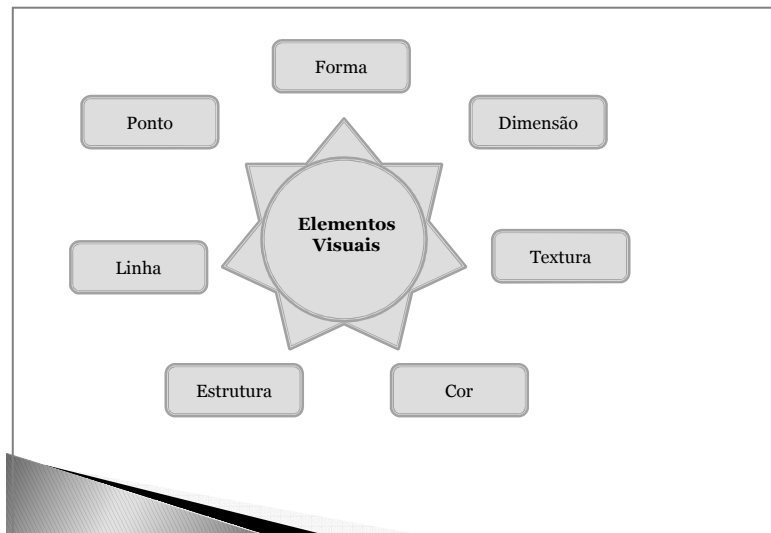


Figura 27 - slides projetados em PowerPoint (Apêndice3)

Recorrendo a exemplos de imagens de Ex Libris “obras de Arte” (Apêndice 4), seguiu-se, como primeiro trabalho criativo, a realização de um *Brasão* ou um “*Ex Libris*”, onde o aluno tinha de expressar, transmitir os seus gostos, sentimentos, emoções, ou seja, a sua própria identidade.

É de salientar que o tema escolhido para o desenvolvimento deste trabalho expressivo (Identidade: Gostos e Sentimentos) corrobora com a ideia “A arte deve ser a base da educação”, Herbert Read, (citado por Sousa, 2003,p.57) “A Arte é a representação da realidade...A Arte está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos”. A arte com forma de expressão de emoções e de sensações, ou seja, um meio pelo qual o homem expressa, exterioriza as suas emoções. Alberto Sousa citando João dos Santos,

também afirma que *“A Educação através da arte é a que melhor permite a exteriorização das emoções e sentimentos e a sublimação dos instintos...”* (Sousa, 2003, p. 82).

Assim, naturalmente e de uma forma intuitiva desenvolveu-se a inteligência emocional e intrapessoal dos alunos. O trabalho desenvolvido através da arte com os alunos pode enriquecer o nível cognitivo, expressivo, emocional, sensorial e relacional.

Esta atividade foi planeada sob a influência do método **LEARNING TO THINK BY LOOKING AT ART** (proposta de David N. Perkins em 1994), mencionada no capítulo I. Este autor defende a ideia de que observar arte exige pensar e tem como objetivo aprender a pensar através do contacto visual com obras de arte. Segundo este método, olhar a arte possibilita o conhecimento de contextos históricos, culturais e sociais nos quais as obras foram criadas, potenciando o olhar e as habilidades para pensar sobre arte. É essencialmente dirigida ao observador individual e dirigida a um observador que inicia o diálogo com a obra de arte;



Figura 28 - Exemplos de Ex Libris (Apêndice 3)

Através deste exercício (Apêndice 5), os alunos foram capazes de distinguir os diversos códigos de comunicação. Todo este exercício foi conduzido pela professora estagiária que foi delineando algumas questões sobre as obras, de modo a que cada aluno fizesse a sua interpretação, reflexão e crítica.

Do exercício resultou um trabalho criativo em que o aluno expôs o seu próprio olhar e a sua própria forma de comunicação sobre o tema, a sua identidade.

Os alunos, no início do exercício, mostraram algum receio em expor as suas emoções e sentimentos mas ao longo da aula, desinibiram-se e todos, de uma forma geral, realizaram e concluíram o seu trabalho com êxito.



Figura 29 - Trabalhos dos alunos

II.4.1.3. Realização de uma Mascote

Sumário: Comunicação Visual (códigos da comunicação)

Projeção de um PowerPoint (Método de resolução de problemas). (Apêndice 4)

Conceito de mascote e logotipo alguns exemplos. (Apêndice 6)

Construção de um logotipo para “o Dia da Bolota”.

Este trabalho foi realizado para comemorar o “Dia da Bolota”, uma atividade que se realizou no dia 20 de novembro, proposta pelo professor de ciências da Natureza em conjunto com diferentes disciplinas. A criação de um logotipo e de uma mascote para esta atividade ficou a cargo da disciplina de Educação Visual.

Esta UT, *A Mascote*, foi realizada segundo o **Método de resolução de problemas**.

O método de resolução de problemas é um processo de ensino usado em várias áreas, que pode ser mais ou menos complexo de acordo com a finalidade e, de forma genérica deve conter certas etapas como: uma situação ou tema, um problema, investigação, projeto, realização e avaliação ou testagem.



Figura 30 - esquema de um processo de resolução de problemas.
Imagem retirada de <http://ensinarevt.co/conteúdos/mrp/>

É um método que vem do seguimento da metodologia projetual de Bruno Munari, “ Das coisas nascem coisas”, que procura que o aluno desenvolva o seu trabalho de forma autónoma e reflexiva.

O método de resolução de problemas foi o processo de ensino utilizado nesta UT para desenvolver a autonomia e a capacidade reflexiva dos alunos. De acordo com o Manual Escolar de Educação Visual, *Artes e manhas* (livro do professor), o método de resolução de

problemas está descrito, por etapas, da seguinte forma: Situação, Enunciado, Investigação, Solução/Projeto, Realização, Avaliação.

Foi elaborada e distribuída uma ficha auxiliar com as diferentes fases da criação de uma mascote para cada aluno e mostraram-se ainda alguns exemplos de Mascotes (esboços, estudos, resultado final) (Apêndice 7).

Os alunos iniciaram o trabalho registrando várias ideias, tendo em conta as diferentes etapas da metodologia projetual. Os alunos, de uma forma geral, perceberam que nesta fase do trabalho, o importante é registar as várias ideias para posteriormente escolher a melhor, trabalhá-la, aperfeiçoando e enriquecendo essa ideia.

A UT dividiu-se da seguinte forma:

Situação: Criação de uma mascote para comemorar “O Dia da Bolota”

Enunciado: Criação de uma mascote tendo em conta a Comunicação Visual. A ilustração deverá comunicar o que o tema transmite.

Investigação: Investigar, analisar fotografias, imagens, elementos relacionados com o tema, etc.

Solução/Projeto: depois da investigação, realizar esboços com as várias ideias com recursos a várias técnicas e materiais (estudo da forma e da cor). Registar as várias ideias e seleccionar a proposta mais adequada à resolução do problema, a mais viável.

Realização: Escolhida a proposta, realiza-se a ilustração que foi projetada na etapa anterior.

Avaliação: Concluída a ilustração, verifica-se se o objetivo a que se tinha proposto foi cumprido, comunicar o que o tema transmite.

(Neste caso, a avaliação é contínua, sendo todas as etapas do processo importantes para a avaliação da UT).

Esta UT foi realizada ao longo de três aulas de 90 minutos.

Na última aula do 1º período os alunos fizeram a sua autoavaliação.

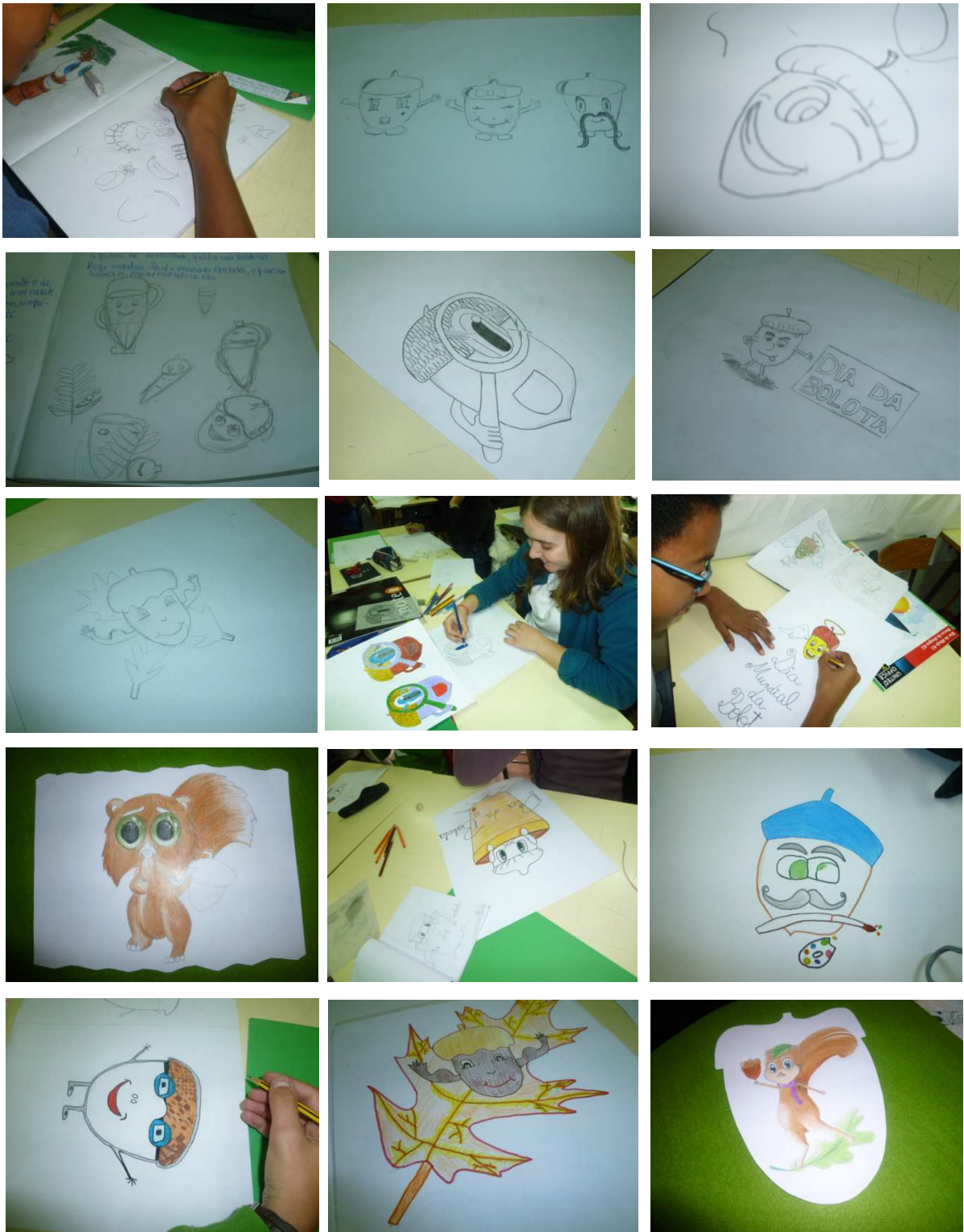


Figura 31 - Trabalhos dos alunos (diferentes fases)

II.4.2. Descrição das aulas. UT2- Linguagem Visual: A Forma (Apêndice 8)



Unidade de Trabalho:



Educação Visual

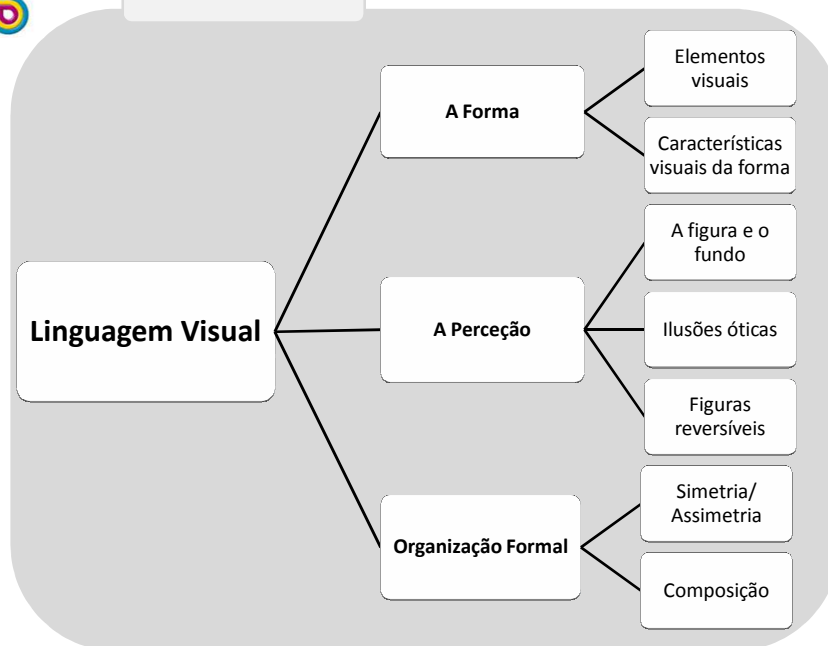


Figura 32 - Esquema Linguagem Visual

O 2º período iniciou-se com “*A Forma*” (Apêndice 9). Nesta UT através do PowerPoint (Apêndice 10), projetaram-se imagens de obras de Arte, mais propriamente de **Maurits Escher**, artista gráfico holandês conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e meios-tons (*mezzotints*), que tendem a representar construções impossíveis. Uma das principais contribuições da obra deste artista está na capacidade de gerar imagens com efeitos de ilusões óticas, jogando com contrastes entre positivo/ negativo e figura/ fundo, através da repetição, criação de padrões geométricos impossíveis.

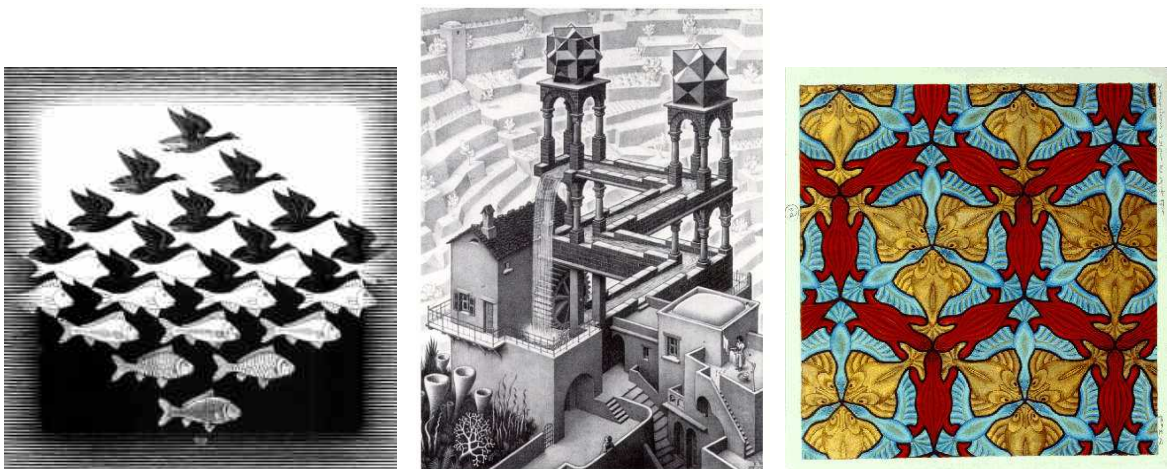


Figura 33 - Exemplos de Obras de Arte do artista Escher (Apêndice 7)

Esta dinâmica foi planejada sob a influência do **MÉTODO COMPARATIVO DE ANÁLISE DE OBRAS DE ARTE**, desenvolvido por *Edmund Feldman*. O seu objetivo consiste em envolver os alunos no uso da crítica como meio para introduzir a natureza da arte. A capacidade de crítica só se desenvolve através da habilidade de ver. Feldman nunca propõe a leitura de uma única obra, mas sim duas ou mais, isto para que o aluno possa tirar as suas conclusões através de uma análise comparativa visual entre as obras. O autor sugere que haja sempre uma proposta de trabalho prático. Através da apresentação da obra, é possível fazer a análise (observando o comportamento do que se vê), a interpretação (atribuindo significados ao que vê) e a avaliação (expondo o seu valor). Esta atividade segue as linhas orientadoras do modelo de Feldman em que são estimuladas a apreciação e a crítica de arte.

II.4.2.1. Realização dos trabalhos: A Forma

Sumário: Linguagem Visual:

- A forma: Elementos visuais; características visuais da forma.
- A Perceção: A figura e o fundo/ Ilusões óticas/ Figuras reversíveis.
- Organização Formal: Simetria (Axial; central; plana) / Assimetria.

Após uma breve revisão sobre os elementos constituintes da forma (o ponto, a linha, o plano e o volume) cada aluno marcou as linhas principais interiores e exteriores da sua forma, através de papel vegetal sobre a fotografia escolhida.

Durante a apresentação de um PowerPoint (Apêndice 11) os alunos participaram ativamente com interesse e entusiasmo.

Cada aluno dividiu a sua folha A3 de papel cavalinho, em duas partes iguais, do lado esquerdo realizaram o trabalho com a forma simétrica e do lado direito, podiam ser mais criativos, realizando formas assimétricas. De uma forma geral, todos marcaram o eixo de simetria e realizaram a forma simétrica sem dificuldade. Pode-se observar que os alunos trabalharam motivados nesta fase do trabalho, divertiram-se, brincaram com as formas, descobriram e criaram novas formas.



Figura 34 - Trabalhos dos alunos: Forma/Estrutura; Simetria/Assimetria

Após a observação do PowerPoint (Apêndice 12), cada aluno dividiu uma folha A3 ao meio e criou dois fundos iguais, coloridos. Do lado esquerdo sobre esse fundo colorido colou o desenho da figura (passado em papel vegetal para uma folha de cavalinho) e do lado direito traçou o contorno no fundo colorido e recortou a forma da figura.



Figura 35 - Trabalhos dos alunos: Figura/ Fundo

No final deste trabalho, a professora estagiária solicitou a cada aluno uma imagem de uma ovelha, com a finalidade de introduzir a próxima UT.

II.4.3. Descrição das aulas. UT3 - Organização Formal (Composição/ Equilíbrio; A cor/ Contrastes de cor) - “Sheep Parade” (Apêndice 13)

Esta ideia surgiu da autora deste relatório, no dia em que se apresentou na escola, quando percorria o recinto escolar e observou alguns espaços verdes, tipo canteiros, exageradamente grandes para estarem “vazios”, ou seja, apenas com relva. Nesse instante veio-lhe à ideia ovelhas a pastarem.

A Ovelha tornou-se, naturalmente, na mascote, logotipo ou símbolo da Covilhã por ser a terra da indústria dos lanifícios, de cariz operário, por ainda manter viva a tradição serrana de produção e venda de produtos lácteos provenientes das ovelhas. Por outro lado, permitiu relacionar e interagir com a intervenção realizada pelo artista Nilo Zack na escola.



Figura 36 - Pintura do artista Nilo Zack, Escola das Palmeiras.

A atividade “Sheep Parade”, à semelhança da “Cow Parade”, pretendeu a valorização estética de um espaço da escola, promovendo referências artísticas e culturais, de modo a interagir de forma direta com a formação dos jovens (Apêndice 14).

Como esta atividade implicava gastos monetários, apresentou-se uma proposta à direção da escola onde constam os objetivos da atividade e seu enquadramento, um pedido de autorização e o respetivo orçamento. A direção da escola mostrou-se interessada e autorizou a realização desta atividade, disponibilizando a verba necessária (Apêndice 15 e 16).

A imagem obra de arte no contexto escolar poderá ser utilizada para incutir, desenvolver e estimular o sentido estético, a criatividade, a imaginação e o espírito crítico nas crianças e nos jovens, assim, como forma de contextualizar o tema e como estratégia de motivação foram mostradas imagens da “Cow Parade Lisboa” e também da “Dolphin Parade de Setúbal” (Apêndice 17).

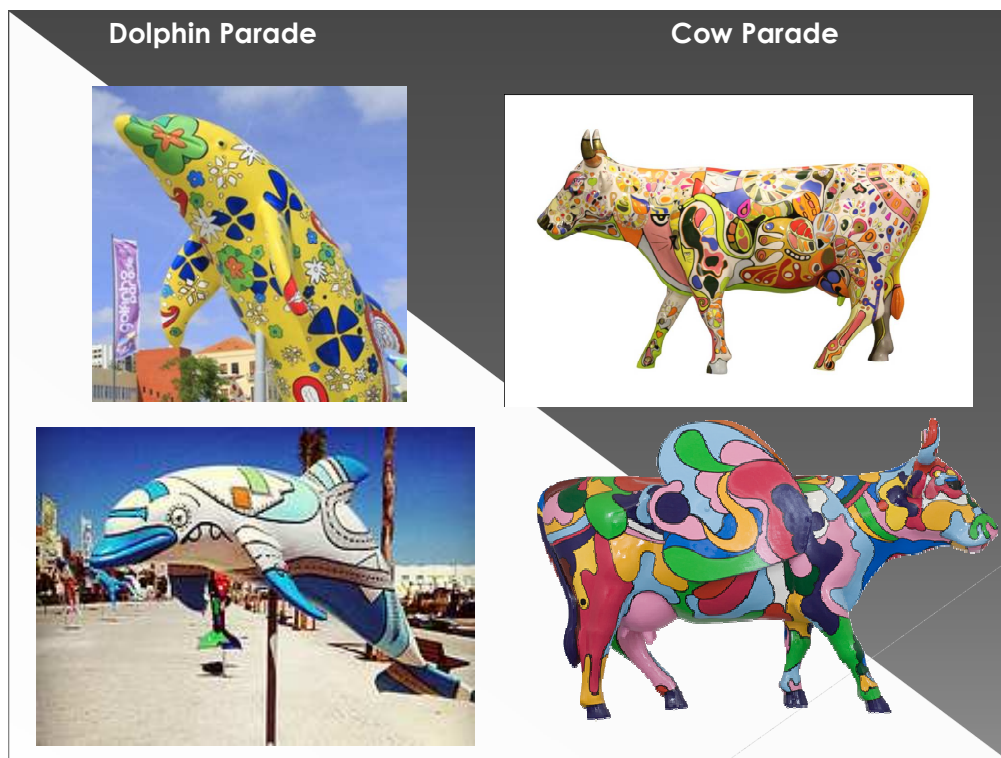


Figura 37 - Exemplos mostrados aos alunos (Apêndice 17)

No âmbito da UT3, pretendeu-se que os alunos dessem continuidade ao trabalho que anteriormente desenvolveram, “A Forma”, com a realização de um desfile constituído por várias placas de contraplacado pintado com a silhueta de uma “ovelha”.

A pintura foi baseada em imagens de obras de arte de pintores mundialmente conhecidos, **Henri Matisse, José de Guimarães e Wassily Kandinsky**, estes foram selecionados tendo em conta os conteúdos a abordar (cor, forma e composição).

Henri-Émile-Benoît Matisse foi um artista francês, conhecido por seu uso da cor e sua arte de desenhar fluida e original. Foi um desenhista, gravador e escultor, mas é principalmente conhecido como pintor.

José maria Fernandes Marques, também conhecido pelo pseudónimo José de Guimarães, natural de Guimarães, nascido a 25 de novembro de 1939, é artista plástico. Licenciou-se em Engenharia no ano de 1975. Estudou pintura com Teresa de Sousa, desenho com Gil Teixeira Lopes e gravura na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

Wassily Kandinsky foi um artista russo, professor da Bauhaus e introdutor da abstração na pintura.

Esta atividade foi realizada em grupos, sendo a turma composta por 28 alunos, formaram-se sete grupos de quatro alunos.

Ao longo desta atividade pretendeu-se abordar a importância da utilização da imagem como recurso pedagógico.

Esta dinâmica foi planeada sob a influência do método *VTS - Visual Thinking Strategies*, o qual se baseia nas investigações da psicologia cognitiva de Abigail Housen e do educador de arte em museus, Philip Yeanawine e tem como principal objetivo proporcionar aos jovens (apenas com as suas ferramentas pessoais de conhecimentos e vivências), a experiência e descoberta de novas maneiras de construir significados. Assim, utiliza as seguintes estratégias:

- Criar um ambiente de grupo - a exposição ao pensamento dos seus pares facilita as transições face à forma de pensar;
- Apresentar um estímulo - constituído por uma sequência de obras de arte criteriosamente selecionadas;
- Focar a atenção - através de uma sequência de perguntas;
- Apoiar um processo de diálogo construtivo - importância da verbalização e linguagem no desenvolvimento do pensamento.

II.4.3.1. Realização do projeto “Sheep Parade”

Sumário: Composição: O peso visual das formas.

Composição Formal (Apêndice18).

Estudo da cor.

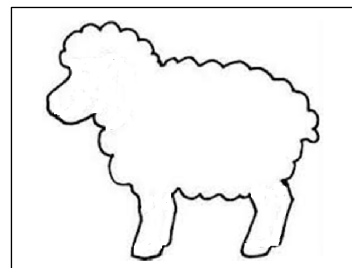


Figura 38 - Prjecto Ovelha

Após a visualização de um PowerPoint (Apêndice 19) com diferentes composições dos pintores (Matisse; José de Guimarães; Kandisky), cada aluno desenhou o contorno da ovelha e criou uma composição inspirada num destes pintores usando a criatividade, a imaginação e o seu sentido estético.



Figura 39 - Exemplos de obras dos pintores seleccionados Kandisky; José de Guimarães; Matisse

Foi projetado um PowerPoint sobre “A Teoria da Cor”(Anexo 6) e lembrada a atividade, a que assistiram na semana da Ciência e da Tecnologia, que decorreu no passado mês de novembro, organizada pelo núcleo de estágio de Físico-Química, que desenvolveu, na biblioteca, atividades com o objetivo de dar a conhecer aos alunos o que é a luz e a cor, recorrendo a poemas, simulações e experiências, levando os alunos a “descobrir” os conceitos (Anexo 7).

Esta atividade foi planeada tendo em conta a interdisciplinaridade, pois esta, permite a elaboração de um conhecimento que envolve várias disciplinas, permitindo ao aluno um desenvolvimento mais autónomo e global (Apêndice 20).

Cada aluno realizou o estudo da cor da composição (utilizou vários materiais e técnicas de aplicação da cor) escolheu o que mais lhe agradou e realizou, na folha A3, o trabalho final.

Pudemos observar que os alunos, de uma forma geral, sempre se mostraram interessados e motivados nesta fase do trabalho, brincaram com as formas, com as cores e criaram novas composições.

Após a conclusão do projeto individual, a professora estagiária recolheu os trabalhos com a intenção de os analisar e formar os grupos de trabalho antecipadamente. Os grupos de

trabalho organizaram-se de acordo com a escolha que cada um fez, ou seja, todos os elementos do mesmo grupo escolheram o mesmo pintor (Apêndice19, último slide).

Na aula seguinte, os alunos agruparam-se organizadamente. Uniram as mesas e reuniram os trabalhos. Começaram por analisar e apreciar o trabalho de cada elemento do grupo. Cada aluno expos a sua opinião e, em grupo, deram sugestões, recriaram e selecionaram dois estudos.

Passaram o desenho para a base de madeira com todas as linhas que consideraram importantes para executarem a pintura.

Foi com grande entusiasmo e relembrando as regras e cuidados a ter ao longo da aula que iniciaram a pintura da ovelha com tinta acrílica.

De um modo geral, todos os alunos foram sempre cumpridores das normas, trabalhadores e empenhados, utilizando até, voluntariamente, alguns intervalos e até duas tardes para adiantar ou terminar os trabalhos que estavam a desenvolver.

Da mesma forma que no 1º período, na última aula, os alunos fizeram a sua autoavaliação. As aulas terminaram no dia 14 de Abril de 2013 (Apêndice 21).



Ilustração 40 - Alunos e professora estagiária em ambiente sala de aula.



Figura 41 - trabalhos concluídos no exterior

II.4.4. Avaliação da Disciplina de Educação Visual

A avaliação é regida pelos critérios gerais estabelecidos pela ESQP e pelo Departamento de Artes Visuais. De acordo com o Plano de Organização do Ensino - Aprendizagem:

*“A avaliação em Educação Visual, no 3º Ciclo, tem como referência os Resultados Pretendidos e as Competências Essenciais da disciplina e definiu-se segundo os seguintes parâmetros: Técnicas; Conceitos;
A avaliação não incide apenas nos Produtos Finais de Expressão, comunicação e Design, mas também na evolução do Processo Criativo”.*

A Avaliação deve ser contínua e fundada em dois aspetos essenciais: o domínio das atitudes e valores e o domínio das aptidões e capacidades. Como critérios de avaliação da disciplina foram definidos, pelo grupo disciplinar da escola, os parâmetros indicados na seguinte figura:

Domínio das Atitudes e Valores 40%	Domínio das Aptidões e Capacidades 60%
Assiduidade	Domínio das técnicas/materiais
Pontualidade	Comunicação visual de ideias/expressão
Comportamento	Representação das formas
Relacionamento Interpessoal	Aplicação e alargamento de conhecimentos
Motivação/Interesse	Rigor na execução de projetos
Organização	Execução da capacidade de representação
Material	
Autonomia	
Colaboração nos trabalhos de grupo	

Tabela V -Parâmetros de avaliação à disciplina de Educação Visual do Departamento de Artes Visuais da ESQP

No que diz respeito ao domínio das atitudes e valores, os professores devem ter em conta os seguintes critérios: Respeito (Entrada e saída da sala de aula; Intervenções oportunas e organizadas; Respeito por si e pelos outros; Espírito de tolerância/Capacidade de diálogo; e Solidariedade); Responsabilidade (Assiduidade/Pontualidade; Material; Arrumação/ Conservação de materiais e locais de trabalho; Realização dos trabalhos solicitados pelo professor); e Autonomia (Realização de trabalhos extra-aula por iniciativa própria; Realização de tarefas sozinho (ultrapassa dificuldades sozinho); Colaboração positiva nos trabalhos de grupo).

A avaliação da turma foi construída, ao longo das aulas, através da observação direta das atitudes dos alunos e registadas em grelhas de observação de aula (Apêndice 22), assim como dos trabalhos elaborados na aula (processo e obra final).

No final de cada UT, todos os dados recolhidos foram transferidos e trabalhados no programa informático Excel, que permitiu analisar a informação facilmente (Apêndice 23 e 24).

Para cada UT foi usada uma tabela distinta, que contemplou cada parâmetro de avaliação examinado em cada proposta de trabalho. Depois de avaliadas as UT de cada período letivo, fez-se a média da avaliação das propostas e obteve-se o valor total da nota a contemplar no domínio das aptidões e capacidades (60% da nota final). Por sua vez, toda a informação colhida durante as aulas (a assiduidade, a autonomia e o empenho, entre outros), foi tratada também em Excel e transformada numa tabela de avaliação, donde se obteve o valor atribuído à avaliação do domínio das atitudes e valores (40% da nota final).

Por fim, a média ponderada da nota atribuída em cada domínio permitiu calcular a nota final de cada aluno.

No final de cada período foi realizada uma reunião de avaliação da turma onde foi entregue a tabela com as notas finais dos alunos correspondentes e uma grelha com notas e observações sobre os mesmos (Apêndice 25 e 26).

No final do período também foi realizada uma ficha de auto avaliação dos alunos, assim como um exercício de reflexão sobre o decorrer das aulas ao longo de cada período (Apêndice 21).

Ao nível das informações intercalares foi entregue ao Diretor de Turma, uma síntese reflexiva sobre o ponto de situação de cada um dos alunos (Apêndice 27).

II.5. Atividades Curriculares e Extracurriculares

As atividades no estágio pedagógico dividiram-se em dois grupos distintos:

- **Atividades Curriculares** consistem na planificação e prática letiva, na observação das aulas lecionadas pelos colegas de estágio e pelo professor cooperante João Paulo Trigueiros e, por fim, na comparência às várias reuniões que decorreram durante o ano letivo.

As atividades curriculares dividiram-se em três grandes grupos:

1º. A prática docente, relativa à turma do 8ºB - Aulas Assistidas.

2º. A participação em reuniões do Núcleo de Estágio, reuniões do Grupo de Artes Visuais e das reuniões de Direção de Turma do 8ºB;

3º. A observação de aulas do Orientador Cooperante e das colegas de estágio.

- **Atividades Extracurriculares** são projetos e ações que promovem a interação do aluno e do professor com a comunidade educativa em diversas áreas de formação, quer por sua iniciativa, quer a convite de outras entidades da escola. Fomentando-se numa interação transdisciplinar e transversal a todas as áreas curriculares. Cada uma delas pode interagir com as demais ações a desenvolver na escola e que constituem a Relação de Projetos da Escola.

II.5.1. Reuniões

A participação em reuniões foi muito importante pois permitiu ao professor estagiário aperceber-se da dinâmica da escola, como instituição. A autora deste relatório participou em 3 tipos de reuniões:

1. Nas reuniões do Núcleo de Estágio de Artes Visuais, onde os estagiários e o Orientador Cooperante João Paulo Trigueiros debateram assuntos sobre o estágio pedagógico. A partir delas, o Orientador Cooperante delineou as diretrizes do estágio, comentou a prestação dos professores estagiários, esclareceu dúvidas e falou de todas as questões pertinentes acerca do estágio ou da Escola (Anexo 8 e 9).

2. Nas reuniões do Departamento de Artes Visuais, que são presenciadas por todos os professores de Artes da Escola, quer do terceiro ciclo, quer do secundário. Nestas debateram-se problemas do departamento, planejaram-se atividades (por exemplo, organização da atividade Semana da Primavera, visitas de estudo, exposições, entre outros) e futuras dinamizações, como a criação de um novo Curso Profissional da Área das Artes ou a participação num concurso escolar.

3. Nas reuniões de direção de turma do 8ºB, essenciais para a recolha de informações sobre os alunos assim como o debate das avaliações dos alunos.

A professora estagiária Sofia Freire fez sempre questão de estar presente nas reuniões, mesmo quando não estiveram diretamente ligadas ao estágio, o que foi muito importante para a compreensão da dinâmica destes organismos na escola.

II.5.2. Observação de aulas

Desde o início do estágio pedagógico, para além das aulas do Orientador Cooperante, a autora deste relatório observou as aulas da professora estagiária Sara Gil e da professora estagiária Vera Silva.

A observação de aulas justifica-se num Estágio Pedagógico, pelos seguintes motivos:

1. Assistir a aulas planeadas por vários professores permite perceber como cada professor orienta a aula, como planifica a matéria e como a transmite aos alunos.

Possibilita perceber como interage com a turma, como se dirige aos alunos, como se expressa.

2. Por outro lado, visto a autora deste relatório nunca ter lecionado no 3º ciclo, a assistência às aulas contribuiu para um maior conhecimento sobre o programa lecionado no 7º, no 8º e no 9º ano. Permite conhecer várias propostas de trabalho para estudar cada conteúdo programático.

3. Possibilita conhecer melhor uma determinada população discente, observando as suas ações, as reações à disciplina e aos professores.

Assim, a observação de aulas quer dos colegas de estágio quer do professor cooperante, permite um conhecimento real do que é o ensino da Educação Visual.

II.5.3. Atividades do Grupo de Artes Visuais/Núcleo de Estágio

Em todos os anos letivos é desenvolvido, na Escola, um Plano Anual de Atividades (Anexo 16) Nele constam várias propostas que o Conselho Executivo, os Departamentos e os seus professores desejam realizar durante o ano. É um trabalho cooperativo, desenvolvido por toda a comunidade escolar e centrado no aluno.

Neste sentido, o grupo de Artes Visuais e o Núcleo de Estágio de Artes Visuais também contribuíram na sua concretização. Dinamizaram e organizaram exposições, visitas, concursos e outras atividades, que em muito contribuíram para o sucesso e o bem-estar do aluno.

Para além dos projetos propostos por cada Grupo Disciplinar existem outras atividades paralelas que podem ou não ser desenvolvidas nesses projetos, como por exemplo as exposições das unidades didáticas, concursos, etc.

Algumas destas atividades surgiram do âmbito do Plano Anual de Atividades do Grupo Disciplinar, no qual os estagiários também tiveram oportunidade de dar o seu contributo.

Neste ponto enumerar-se-ão as atividades desenvolvidas na ESQP em que a autora deste relatório esteve envolvida.

- Visita de estudo a Gouveia;
- Semana da Street Art;
- Exposição de trabalhos;

- Mascote da Bolota (com a disciplina de Ciências da Natureza);
- Concurso “Presépios de Natal” (com os alunos doATL);
- Concurso “Imagine a Paz”, promovido pelos Lions Clubs;

As atividades extra curriculares promoveram a interação com a comunidade educativa e o desenvolvimento de competências em vários domínios.

II.5.3.1. Visita a Gouveia e a Melo - 12 de dezembro

A visita de estudo a Gouveia, ao Parque Ecológico da Serra da Estrela e ao Museu Abel Manta, foi uma atividade organizada pelo grupo de estágio em conjunto com o professor cooperante João Paulo trigueiros. Foi pensada para os alunos de Educação Visual das turmas do 7°C, 8°B e 9°D, tendo como objetivos despertar os alunos para o desenvolvimento do pensamento visual numa atitude de descoberta, com espírito crítico e curiosidade perante a Artes Visuais e as formas da natureza, bem como a consolidação de conhecimentos adquiridos.

O primeiro passo foi programar os locais a serem visitados. Pensou-se visitar o Parque Ecológico da Serra da Estrela e o Museu Abel Manta, em Gouveia.

A fase seguinte foi distribuir tarefas: a professora Sara ficou responsável por verificar a disponibilidade dos locais no dia proposto, 12 de dezembro; a professora Vera ficou de requerer orçamentos do custo do aluguer do autocarro às transportadoras disponíveis e após se conciliarem os horários dos vários locais; a professora Sofia formulou as declarações de autorização da visita para os Encarregados de Educação (Apêndice 28), o itinerário e outros documentos necessários (Apêndice 29 e 30).

A professora estagiária, Sofia Freire, colaborou com as suas colegas na organização da visita e assegurou a sua substituição no dia da visita, pois não lhe foi possível realizar a visita.

No dia 12 de dezembro todos compareceram à hora marcada no recinto da ESQP. No início da viagem foi entregue aos alunos um pequeno folheto que contemplava um pouco da história dos locais que iam visitar. À hora prevista chegou-se ao Parque Ecológico de Gouveia. Uma guia do Parque acompanhou uma parte do grupo, explicando e tirando as dúvidas dos alunos. A outra parte do grupo continuou a viagem até ao museu Abel Manta de autocarro, onde puderam admirar as obras de Arte e participarem numa pequena atividade de desenho. Houve necessidade de dividir o grupo em dois, pois eram muitos alunos e a pedido dos responsáveis do Parque fez-se a divisão em dois grupos homogêneos, a fim de terem uma visita mais proveitosa. À hora planeada todos os alunos partilharam a sua merenda e socializaram com o grupo. Após o almoço, o grupo que visitou o Museu da parte da manhã, deslocou-se até ao Parque para realizarem a visita guiada, assim como, o grupo que visitou o Parque de manhã deslocou-se para o Museu afim de efetuarem a visita.

Esta pequena viagem foi muito importante para os alunos, permitiu que se conhecessem melhor, que estivessem em contacto uns com os outros fora do contexto de aula. Esta atividade foi avaliada segundo as normas do Observatório de Qualidade, entregando a cada aluno um pequeno questionário (Apêndice 31).



Figura 42 - Parque Natural de Gouveia

II.5.3.2. Street Art

Esta atividade, organizada pelo núcleo de estágio de artes visuais da escola Quinta das Palmeiras, teve como objetivo promover a arte urbana, como expressão artística devidamente dignificada. Fazer a distinção entre a arte urbana e vandalismo para além de procurar a integração, a sociabilização e a intervenção dos alunos no espaço escolar. Decorreu igualmente, um workshop com o artista, com a participação interessada de alunos de vários níveis de ensino e em que Nilo Zack procurou, de uma forma única e cativante, iniciar e definir a sua forma de expressão.

Nilo Zack, nome já afirmado no campo da “street art”, esteve pela primeira vez, em Portugal, na Covilhã. Nasceu em Belo Horizonte, no Brasil, e tem feito inúmeras intervenções nas principais cidades dos estados brasileiros.

Esta atividade foi programada em conjunto com as professoras estagiárias Sara e Vera. Em meados de outubro deu-se o primeiro contacto com os organizadores do Wool - Festival de Arte Urbana da Covilhã, Dr^a Elisabet Carceller e Dr. Pedro Seixo Rodrigues, foi neste contacto que surgiu o nome do artista Nilo Zack. Este encontrava-se na Covilhã, a realizar estudos na UBI, com alguma disponibilidade e interesse em divulgar o seu trabalho.

Para a realização desta atividade foi necessário apresentar a proposta à direção da escola com os objetivos da atividade e seu enquadramento, pedindo autorização e apresentando o respetivo orçamento. A direção da escola demonstrou-se interessada e autorizou a realização desta atividade disponibilizando a verba necessária (Apêndice 32 e 33).

O material foi adquirido em dezembro e o artista Nilo Zack, em janeiro, começou a sua “obra de arte”.

A pintura apresenta uma composição dividida entre a tradição da Covilhã e a expressão pessoal do artista. As ovelhas são alegóricas à prática da pastorícia e aos lanifícios, tão característicos do Concelho. As crianças-palhaço são a marca do artista, presente em todas as obras que realiza.



Figura 43 - Pintura de Nilo Zack

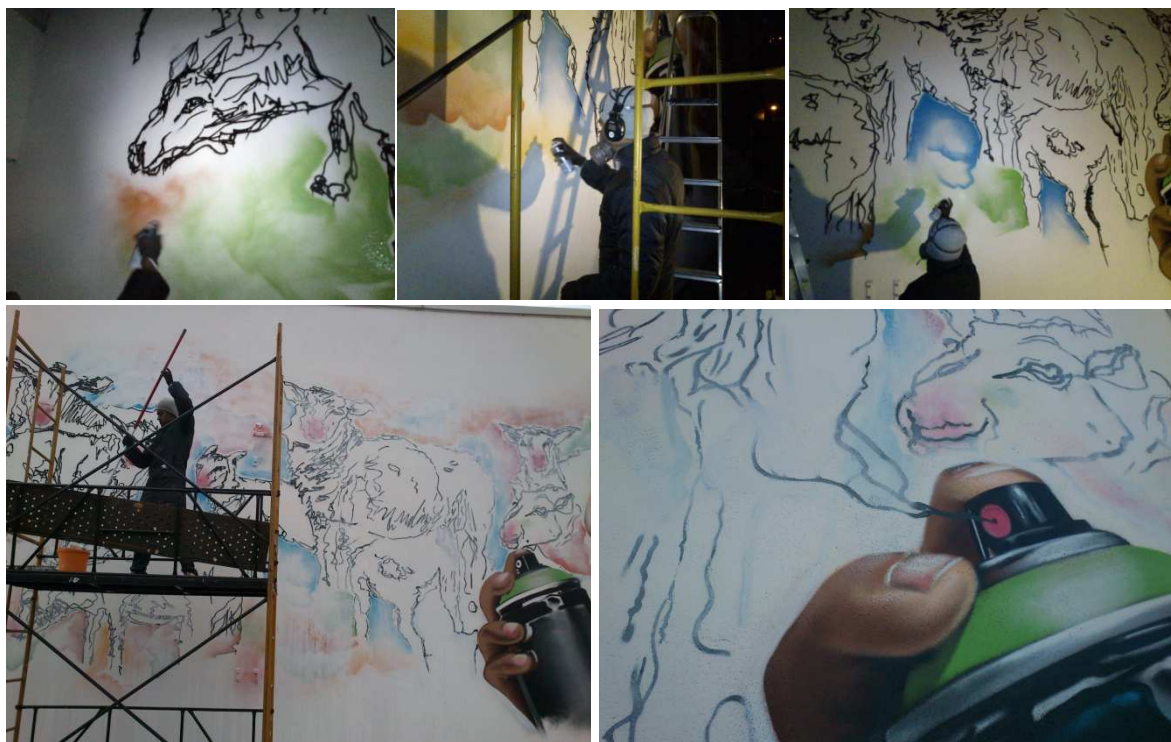


Figura 44 - Pintura de Nilo Zack

Durante a atividade, as professoras estagiárias, bem como o orientador de estágio Professor João Trigueiros, estiveram sempre presentes, apoiando o artista e assegurando o seu transporte. Nilo Zack, enquanto esteve na Covilhã, residiu na residência da UBI, em Santo António, uma zona um pouco afastada da escola e não tinha como se deslocar. Quanto à alimentação a escola ofereceu as refeições, bebidas e alimentos diversos, enquanto este esteve na escola a trabalhar.

O objetivo do Workshop foi potencializar o interesse dos adolescentes para o mundo da arte, através do *graffiti*. A oficina, inicialmente, foi planeada para duas aulas, com a carga horária de 5 horas, sendo dividida em duas oficinas de 2 horas e 30 minutos em 2 dias distintos.

No primeiro dia assistimos a uma exposição sobre o que é Arte, *Graffiti*, *Street Art* e *Pichação/Tag*. Depois de uma breve introdução da história do *Graffiti*, através de vídeos da *Internet* e de uma argumentação sobre estilos de *graffitis* e suas aplicações artísticas, cada aluno teve a oportunidade de realizar desenhos “*graffitis*” no papel.

Para o segundo dia do Workshop, estava previsto os alunos utilizarem materiais de pintura (*Spray* e tinta plástica) e técnicas básicas de produção de stencil. Esta atividade era para se realizar com as tintas que sobrassem da pintura da parede.



Figura 45 - Momentos do Workshop

A pintura da parede decorreu durante o mês de janeiro, foi um mês de muita chuva, o que dificultou a realização da atividade. Houve dias que não foi possível pintar, pois a parede é no exterior e não tinha qualquer resguardo. Por este motivo, a atividade prolongou-se por mais tempo e por falta de disponibilidade do artista, já tinha a viagem marcada para o Brasil, não foi possível realizar a segunda aula do Workshop.

Apesar deste contratempo, Nilo Zack mostrou-se sempre disponível, compreensivo e motivado em terminar a pintura da parede.



Figura 46 - Pintura do Nilo Zack

II.5.3.3. Exposição de trabalhos

A exposição decorreu na superfície comercial Serra Shopping, entre os dias 22 de fevereiro a 3 de março de 2013, no âmbito das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Artes Visuais.

A professora estagiária colaborou com a exposição de trabalhos desenvolvidos pela turma de estágio, 8ºB, da unidade de trabalho: “A Forma” (Elementos visuais/Características visuais da forma; A Percepção: Afigura e o fundo/ Ilusões óticas/ Figuras reversíveis).

A seguir, apresentam-se algumas imagens da exposição das unidades de trabalho, na qual participaram as colegas de núcleo de estágio, Sara Gil e Vera Silva.

A exposição pretendeu a divulgação, ao público em geral, dos trabalhos desenvolvidos nas áreas das Artes Visuais na ESQP.



Figura 47 - Exposição dos trabalhos no Serra Shopping

II.5.3.4. Exposição de trabalhos Mascote da Bolota (inserida no projeto We Grow)



Figura 48 - Exposição dos trabalhos “Mascote da Bolota”

Este projeto cresceu em torno da abordagem de temas como o voluntariado (campanhas de recolha e distribuição de alimentos por famílias carenciadas; campanhas de sensibilização para recolha de materiais recicláveis - tampinhas). A implementação deste projeto caracterizou-se por uma forte componente de inter e transdisciplinidade. Realizou-se uma exposição no Serra Shopping com os trabalhos realizados, entre os dias 24 de fevereiro e 1 de março (Anexo XXII).

II.5.3.5. Concurso "Imagine a Paz"

Promovido pelos *Lions Clubs*. A iniciativa pretendeu estimular as crianças e jovens, estudantes de idades compreendidas entre os 11 e 13 anos, a expressarem a sua visão sobre a paz através da realização de um cartaz. A participação no concurso consistia na realização de trabalhos individuais de expressão plástica, sob a orientação dos respetivos educadores/professores. Após a entrega dos trabalhos, até 3 de novembro, estes fizeram parte de uma exposição no Serra *Shopping* da Covilhã, onde foram conhecidos e aplaudidos os vencedores. (Anexo...)



Figura 49 - A aluna Amanda Canário, do 8ºB, com a Professora estagiária Sofia Freire

II.5.3.6. Concurso “Presépios de Natal” - Atividades de Tempo Livre - 1º Ciclo

Frequentado por algumas crianças do primeiro ciclo, sobretudo, filhos de funcionários e docentes da Escola.

As atividades desenvolvidas, ateliers de expressão plástica, ciências, educação física, entre outras, eram realizadas voluntariamente por docentes da ESQP.

Neste âmbito, no ano letivo 2012/2013, foi pedido ao Professor Cooperante a sua colaboração nestas atividades. A professora estagiária, Sofia freire, colaborou nas atividades propostas. As atividades de expressão plástica realizavam-se todas as terças feiras, entre as 16h30m e as 17h15m. A estagiária organizou algumas atividades, alguns exercícios com um caráter mais lúdico. As atividades foram realizadas, sobretudo, com materiais reciclados e com materiais de pintura já existentes na Escola.



Figura 50 - Exposição do presépio realizado no ATL

II.5.3.7. V Festa da Primavera

Tal como tinha sido delineado no Plano de atividades, no fim do 3º período realizou-se a festa da Primavera. No dia 7 de junho foi realizado um desfile de Moda, de fatos imaginados e criados pelos alunos, bem como uma exposição dos projetos elaborados pelos alunos na disciplina de E.V. ao longo do 3º período.

Também foram expostos os trabalhos desenvolvidos na disciplina de Educação Visual pelos alunos da turma B do 8º ano, Sheep Parade.

O objetivo desta exposição foi promover e divulgar os trabalhos realizados em E.V., bem como valorizar um espaço da escola, promovendo referências artísticas e culturais, de modo a interagir de forma direta com a formação dos jovens.

Esta atividade foi organizada e dinamizada pelo grupo de Artes Visuais. A autora deste relatório colaborou nesta atividade, ajudando na montagem das diferentes exposições.

II.5.3.8. Participação da “Sheep Parade” em diferentes ocasiões

As “ovelhas” foram apreciadas e convidadas a fazer parte do equipamento dos jardins da Quinta do Refúgio, na Festa da Música, organizada pela Banda da Covilhã no dia 10 de Junho de 2013.



Figura 51 - Jardim da Quinta do Refúgio

Estiveram durante o dia 27 de maio no anfiteatro da Ponte *Mártir-in-Colo*, para uma amostra de trabalhos realizados nas escolas do Concelho da Covilhã.



Figura 52 - Anfiteatro da Ponte *Mártir-in-Colo*

II.6. Conclusões

Quanto à reflexão da PES e todo o trabalho desenvolvido, é importante referir que a estagiária decidiu fazer o curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3º Ciclo e Ensino Secundário, por lecionar há já alguns anos no 2º ciclo, e apenas ter a profissionalização para 1º e 2º ciclo, ficando assim, com a possibilidade de poder lecionar no 3º ciclo e no ensino Secundário.

A experiência como professora foi muito enriquecedora, uma vez que sempre deu aulas a uma faixa etária inferior e sobretudo por gostar de transmitir os seus conhecimentos e gostar de observar os resultados através dos trabalhos realizados pelos alunos.

Numa primeira análise foi um ano que exigiu uma constante reflexão profissional, uma grande dedicação e empenho pessoal.

Foi prestada a máxima atenção às Metas de Aprendizagem e seus domínios de referência, objetivos e descritores de desempenho. Foram utilizadas diversas estratégias de motivação e diferentes recursos materiais.

A observação atenta das aulas do professor cooperante e tirando partido da sua experiência, contribuiu para uma melhor prática do ensino - aprendizagem. A professora estagiária Sofia Freire, apesar de ter alguma experiência no ensino, teve alguns receios e dúvidas sobre o melhor método de lecionar. E nesse sentido o estágio pedagógico foi gratificante e ajudou a perceber que não há respostas definitivas: ser professor é uma aprendizagem constante ao longo da vida. A professora estagiária quer salientar o seu Orientador Cooperante, na pessoa do professor Dr. João Paulo Trigueiros e a excelência da sua competência como profissional docente e mentor, agradecendo os seus ensinamentos e o apoio incansável aos professores estagiários.

O facto de ter a possibilidade de lecionar uma turma, totalmente a seu encargo durante a prática de ensino supervisionada, dada pelo Orientador Cooperante Professor João Paulo Trigueiros, proporciona aos professores estagiários ferramentas indispensáveis para uma aprendizagem mais enriquecedora, que a estagiária usará seguramente ao longo da sua carreira docente. Permitiu ter um ritmo de trabalho constante, uma preparação e avaliação sistemática para cada aula. Possibilitou ver a reação dos alunos às aulas e reestruturá-las caso necessário.

A autora do relatório aprofundou conhecimentos, desenvolveu e aperfeiçoou a prática docente através do estágio pedagógico, na ESQP. Desenvolveu ações de diferentes âmbitos, desde atividades curriculares a extra curriculares, que em muito contribuíram para o sucesso do estágio pedagógico.

Este ano de estágio, que termina, constituiu um processo educativo evolutivo que exigiu uma reflexão profissional contínua, como professores em estágio, consciencializando para o aperfeiçoamento constante da profissão que escolhemos, adotando estratégias mais eficientes para que haja uma melhoria do processo ensino/aprendizagem.

Por outro lado, a supervisão possibilitou avaliar profissionalmente métodos e estratégias aplicadas nas aulas.

A aplicação de conhecimentos pedagógicos adquiridos no primeiro ano do curso no campo da psicologia, pedagogia, história da educação, didática das artes visuais, entre outras, e aliadas à experiência de vida, foram relevantes no decorrer do estágio.

As reflexões efetuadas, relativamente às aulas assistidas, foram fundamentais para a interiorização de noções e conceitos, assim como de práticas, mas particularmente para a compreensão do espírito através do qual a atividade letiva deve ser encarada e para os objetivos da profissão.

A prática de ensino supervisionada revelou-se um grande contributo para o crescimento profissional e pessoal. A troca e partilha de opiniões com docentes experientes e colegas de estágio foi fundamental, sendo uma aprendizagem constante.

Foi uma satisfação enorme chegar ao fim e ter consciência de que se tirou o melhor partido possível das experiências vividas, ultrapassando dúvidas e dificuldades, fomentando um ensino/aprendizagem de qualidade, que conduziu ao sucesso da turma.

Como futuros professores, temos de estar atentos ao que se passa no mundo, seja nos saberes, na sociedade ou nos indivíduos, e responder com estratégias imaginativas, criativas, que possibilitem aos alunos elaborarem formas de compreensão e de atuação durante o seu percurso escolar, para que possam ir desenvolvendo os seus projetos de vida.

Quanto aos programas e metodologias que privilegiam o contacto com Obras de Arte, percebemos que a exploração de uma obra de arte, mesmo sendo reproduções, deverá sempre que possível, começar por um momento de observação e fruição da obra. Assim, segundo as metodologias, é necessário que os alunos deem tempo ao olhar, levando o tempo que for necessário a observar. Para isto, deverão ser encorajados a interagir com as obras, a examinar o que veem e a comunicá-lo. Assim, desta forma, estão desenvolver a sua literacia em artes visuais.

O contacto (observação ativa de obras e espetáculos artísticos) dos indivíduos com a arte é, assim, fundamental. Pode ser abordada como recurso pedagógico colaborando no desenvolvimento das capacidades de observação, perceção, comunicação, tornando-os mais sensíveis, críticos, interpretativos, comunicativos, imaginativos e atentos a tudo que os rodeia. Deste modo, podemos dizer que a Arte na educação, não tem como objetivo a formação de futuros artistas, mas sim, a formação integral da criança. De acordo com H. Read *“a arte deve ser a base de toda a educação”*,

Por fim, o manual escolar é o recurso didático onde o aluno toma contacto com a disciplina de Ed. Visual e também, na maior parte das vezes, com a imagem da obra de arte, seria interessante prolongar este estudo, analisando e aferindo de que modo as imagens de obras de arte, são utilizadas nos manuais de Educação Visual bem como nas outras disciplinas.

"A função moral da arte consiste em afastar o preconceito, eliminar as escamas que impedem os olhos de ver, rasgar os véus que se devem ao hábito e ao costume e aperfeiçoar o poder de percepção das pessoas".

John Dewey

Desta forma concluímos o Relatório de Estágio Pedagógico, com a certeza de que muito ainda ficou por dizer e explorar. No entanto pensamos ser um justo estudo demonstrativo de todo um trabalho realizado durante o ano letivo 2012/2013 no âmbito da Unidade Curricular Estágio Pedagógico, do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Universidade da Beira Interior.

Bibliografia e Webgrafia

Best, David. (1996). *A racionalidade do sentimento, o papel das artes na educação*. Porto: Edições ASA

Biesdorf, R. K.; Wandscheer, M. F. (2011) Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Revista Eletrónica do curso de pedagogia do Campus Jatai- UFG*, vol.2 n.11 2011

Caiado, Fátima. (2012). A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO TERCEIRO CICLO. DOS 12 AOS 14 ANOS. 1947 - Viktor Lowenfeld/ W. Lambert Brittain. (Diapositivos Teóricos). Universidade da Beira Interior

Calado, Isabel (1994). *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto Editora.

Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008
O QUE PODE A EDUCAÇÃO APRENDER DAS ARTES SOBRE A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO?
Elliot E. Eisner, Stanford University, Estados Unidos.

Cury, Augusto (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho

Decreto Lei n.º94/2011, de 3 de agosto. *Diário da República n.º 148 - I Série*. Ministério da Educação.

Decreto Lei nº139/2012, de 5 de julho. *Diário da República, 1.ª série – N.º 129 –*Ministério da Educação e da Ciência.

Departamento da Educação Básica. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais - Educação Artística*. Lisboa: ME/ DGIDC.

Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. *Currículo Nacional do Ensino Básico - Ajustamento do Programa de Educação Visual do 3º Ciclo*. Lisboa: ME/ DGIDC.

Lapa, Bruno (2012). *A Obra de Arte - Recurso Pedagógico*. Relatório de Estágio para Obtenção do Grau de mestre em Ensino de Artes Visuais. Universidade da Beira Interior.

Quadrado, Ana (2011) *A Importância da obra de Arte para o desenvolvimento holístico das crianças e jovens*. Trabalho de investigação de mestrado. Universidade da Beira Interior.

Read, Herbert (2001). *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes.

Reis, Ricardo (2008). *O diálogo com a obra de arte*. Acedido em Novembro de 2011, no Web site da Associação Nacional de Animação e Educação: <http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2008/05/artigorr.pdf>

Ribeiro, Ângelo. *A imagem da imagem da obra de arte no uso dos manuais de Educação Visual*. (Tese de Mestrado Educação, Universidade do Minho, 2005).

Silva, Ricardo (2007). *Arte Pública como Recurso Educativo - Contributos para a abordagem pedagógica de obras de Arte Pública*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes.

Sousa, Alberto B. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação - 1º volume*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Vale, Maria (2005) *Arte, Currículo e Avaliação (A Avaliação dos Alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico na Disciplina de Educação Visual e Tecnológica)*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia.

WEBGRAFIA

<http://area.dgipc.min-edu.pt/inovbasic/edicoes/noe/noe52/dossier5.htm>

<http://www.slideshare.net/DACEaomundo/primeiro-olhar>

<http://www.educacao-artistica.gov.pt/interven%C3%A7%C3%B5es/elisamarques.pdf>

<http://umolharsobreomundodasartes.blogspot.com>

<http://www.theartgallery.com.au>

<http://leoferrari08livro.blogspot.com>

<http://pensamentodaarte.blogspot.pt/Filosofia e Pensamento da Arte, julho de 2007>

<http://portalsaofrancisco.com.br>

<http://infopedia.pt>

<http://covadabeira.eu>

<http://suitedeideias.blogspot.com>

<http://www.apecv.pt/>

<http://www.educacao.te.pt/>

<http://www.woolfest.org/>

<https://www.facebook.com/#!/Woolfest>

Legislação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências Essenciais retirado de <http://dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Básica - Ajustamento do Programa de Educação Visual: 3º ciclo. [Suporte Eletrónico]. Lisboa: Ministério da Educação, 2001b. Disponível em <http://www.dgidc.min>

Escola Secundária Quinta das Palmeiras, Contrato de Autonomia (2007) Covilhã retirado de: www.quintadaspalmeiras.pt

Escola Secundária Quinta das Palmeiras, Projecto Curricular de Escola (2012/2013) Covilhã retirado de: www.quintadaspalmeiras.pt

Escola Secundária Quinta das Palmeiras, Projecto Educativo (2009 - 2013) Covilhã retirado de: www.quintadaspalmeiras.pt

Escola Secundária Quinta das Palmeiras, Regulamento Interno (2008) Covilhã retirado de: www.quintadaspalmeiras.pt

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho

Os Anexos são digitais. Encontram-se na contracapa.

Índice de Anexos

Anexo I: Contrato de Autonomia da ESQP

Anexo II: Notícia_ Escola de Mérito

Anexo III: Projeto Curricular de Turma (PCT) 8ºB

Anexo IV: As Metas Curriculares de EV

Anexo V: Plano de Organização do Ensino/Aprendizagem

Anexo VI: PowerPoint- Elementos Visuais- A cor

Anexo VII: PowerPoint das colegas estagiárias de Físico-química Isabel Serra e Carolina Louro

Anexo VIII: Ata nº1 da reunião do Núcleo de Estágio

Anexo IX: Ata nº2 da reunião do Núcleo Estágio

Anexo X: Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho

Anexo XI: Informação Intercalar- 2º Período

Anexo XII: Grelha- Informação Individual final do Período

Anexo XIII: Plano Anual de atividades do grupo Artes Visuais

Anexo XIV: Planificação Geral dos Núcleos de Estágio

Anexo XV: Plano Anual de Atividades do Grupo de Artes Visuais 2013/2014

Anexo XVI: Plano anual da Escola 2012/2013

Anexo XVII: Regulamento do Concurso Lions- Cartaz Da Paz

Anexo XVIII: Concurso Lions - Vencedores

Anexo XIX: Competências Essenciais

Anexo XX: Programa de Educação Visual

Anexo XXI: Ajustamento do Programa de Educação Visual: 3º ciclo.

Anexo XXI: Critérios de Avaliação Educação Visual 2012/2013

Anexo XXII: Cartaz alusivo às atividades dos núcleos de estágio

Os Apêndices são digitais. Encontram-se na contracapa.

Índice de Apêndices

- Apêndice I - Planos de aula (Comunicação Visual)
- Apêndice II - Exercício Diagnóstico
- Apêndice III - Planificação da capa
- Apêndice IV - Apresentação em PowerPoint - ExLibris
- Apêndice V - Exercício - Brasão
- Apêndice VI - Apresentação em PowerPoint - Mascotes
- Apêndice VII - Ficha de trabalho - Mascote
- Apêndice VIII - Planos de aula (Forma)
- Apêndice IX - Esquema - Forma
- Apêndice X - Apresentação em PowerPoint - Figura/Fundo
- Apêndice XI - Apresentação em PowerPoint - Simetria/Assimetria
- Apêndice XII: Apresentação em PowerPoint - Figura/Fundo
- Apêndice XIII: Planos de aula (Organização Formal)
- Apêndice XIV: Enquadramento da atividade- Sheep Parade
- Apêndice XV: Proposta da Atividade - Sheep Parade
- Apêndice XVI: Orçamento - Sheep Parade
- Apêndice XVII: Apresentação em PowerPoint - Composição
- Apêndice XVIII: Apresentação em Power Point - Organização Formal
- Apêndice XIX: Apresentação em PowerPoint - Os três Pintores
- Apêndice XX: Planificação da atividade - Sheep Parade
- Apêndice XXI: Ficha de Autoavaliação
- Apêndice XXII: Grelha de Observação
- Apêndice XXIII: Grelha de Avaliação da UT- Comunicação
- Apêndice XXIV: Grelha de Avaliação da UT- Forma/Composição
- Apêndice XXV: Grelha de Avaliação Final 1º período
- Apêndice XXVI: Grelha de Avaliação Final 2º Período
- Apêndice XXVII: Informação Intercalar
- Apêndice XXVIII: Pedidos de Autorização para a visita a Gouveia
- Apêndice XXIX: Objetivos da Visita a Gouveia
- Apêndice XXX: Grelha de alunos inscritos para a visita a Gouveia
- Apêndice XXXI: Inquérito
- Apêndice XXXII: Pedido de Autorização Wool Fest
- Apêndice XXXIII: Projeto Street Art

